

Com a descoberta deste novo fosso, o país torna-se praticamente autossuficiente no suprimento de amianto e completamente independente de importações do setor de cimento de amianto. A antiga mina de São Félix foi descomissionada, deixando uma responsabilidade social e ambiental imensa, pela qual a Eternit tornou-se um interesse sucessor até o fim da década de 1990, como veremos posterioremtnne.

Em 1971, a fábrica de Goiânia foi fundada para servir à região centro-oeste e a fábrica de Colombo, atualmente a maior unidade de fabricação da Eternit, seguiu-se em 1972 para servir a região sul do país.

Em 1980, a Eternit incorporou a empresa Wagner S.A, uma produtor de Drywall ou reboco⁴ e em 2002 ela encerrou suas operações em Ponta Grossa, Paraná, transferindo toda a linha de produção da divisão de Painéis de Parede à Colombo, deixando uma grande responsabilidade ambiental, que será posteriormente discutida, e a um número no momento desconhecido de pessoas doentes ou mortas.

Na última década do século 20 (embora informações sobre a data exata sejam contraditórias), o grupo suíço oficialmente retirou-se do negócio de amianto e a Eternit foi vendido, caindo sob o controle do grupo francês Saint-Gobain, seu parceiro na SAMA.

Tudo parece indicar que o grupo suíço estava secretamente envolvido no negócio de amianto no Brasil até pelo menos 2001, de acordo com o testemunho de Élio Martins⁵, o atual presidente da Eternit, embora a propaganda oficial publicamente negasse qualquer envolvimento após o início da década de 1990.⁶

Muitas explicações existem para essa venda do grupo Eternit aos franceses. Entre elas está a encontrada na autobiografia do herdeiro do império Eternit, aos 37 anos, Stephan Schmidheiny:

4 Drywall é uma tecnologia que substituiu a alvenaria convencional de divisões internas (paredes, tetos e coberturas) de edifícios e compostos de painéis mais leves e mais finos. É atualmente produzida, no caso da Eternit, com madeira laminada ou reboco, alinhada em ambos os lados com camadas de madeira cobertas por folhas planas de cimento reforçadas com fibra sintética e pressionadas (anteriormente as folhas planas eram feitas de amianto).

5 No dia 8 de maio de 2001, na transcrição oficial das audiências do Comitê Especial da Câmara de Deputados Federais para o Projeto de Lei no. 2186/96, o presidente Élio Martins, da Eternit S/A, explicou a estrutura de controle de sua empresa nos seguintes termos: "A Eternit é uma empresa brasileira controlada publicamente, cujas ações são vendidas na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA). Nenhum proprietário único tem o controle completo da firma. Os principais acionistas são como se segue: DÍNAMO - Fundo de Investimentos em Ações: 25,17%; Fundo de Pensão do Banco Central - Previdência Privada - CENTRUS (controlado por empregados do banco): 17,49%; Saint-Gobain (Brasilit): 9,11%; Fundo de Participação Social do BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que é correspondente do Banco de Desenvolvimento Interamericano (BID): 8,41%; AMINDUS HOLDING AG: 6,81%; Empreendimentos e Participações HOLPAR: 4,31%."

Na realização de uma pesquisa mais detalhada das origens da AMINDUS HOLDING AG, nós encontramos ligações com negócios que são parte do império comercial de Stephan Schmidheiny, tal como a Nueva AG and a Amanco AG, localizadas no distrito suíço de Glarus.

6 Quando confrontado quanto a declaração contraditória do presidente da Eternit de que Schmidheiny continuara a participar dos negócios de amianto no Brasil por mais de uma década após ter afirmado que o abandonara para sempre, Peter Schuermann, porta-voz de Schmidheiny, respondeu como se segue ao editor de Sonntags Blick, em 30 de dezembro de 2004: "É correto que Stephan Schmidheiny vendeu as ações brasileiras na Eternit em 1988, conforme eu desejava; nem ele, nem nenhum de seus empreendimentos mantêm ou mantiveram qualquer participação acionária no Brasil naquele tempo. Ao longo de décadas, diversas empresas usaram o nome 'Amindus.' No procedimento disponibilizado a mim não há nenhuma evidência que esta é a Amindus Holding de Glarus que você está pensando; há somente a menção de uma Amindus Holding e de uma Amindus Holding AG."

7 Em <http://www.stephanschmidheiny.net/business-career/?lid=1>

8 In <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60937-601-4-285,00.html>

9 Ibid

10 Em <http://www.forbes.com/forbes/2009/1005/creative-giving-philanthropy-bill-gates-of-switzerland.html>

"A controvérsia quanto aos efeitos potencialmente perigosos do pó de amianto foi um choque para mim em muitos aspectos. Eu mesmo fui perigosamente exposto a fibras de amianto durante meu período de treinamento no Brasil. Eu frequentemente ajudava a carregar sacos de amianto e a derramar as fibras no misturador, respirando profundamente todo o tempo devido ao esforço envolvido. Ao final de um dia de trabalho difícil, eu muitas vezes estava coberto de pó branco."⁷

A revista Época, número 285,⁸ de 30/10/2003, analisou o problema como se segue: "o escândalo do amianto foi chave em fazer com que Schmidheiny alterasse suas práticas comerciais e se tornasse um defensor da administração conscienciosa, como uma forma de pagar por seus pecados."

Um pouco depois, no mesmo artigo, a revista indicou: "Schmidheiny fez um anúncio público de que encerraria a fabricação de produtos com amianto no início da década de 1990 somente após ter vendido a Eternit a uma empresa francesa, Saint-Gobain, junto com todos os seus processos de empregados."⁹

A revista Forbes, em sua edição de 05/10/2009,¹⁰ contudo, ofereceu outra explicação de Schmidheiny para sua guinada de 180 graus na política da empresa: "Minha empresa caminhava rumo à falência como consequência dos efeitos conjuntos de problemas relacionados ao amianto e uma queda brusca dos mercados de construção. Portanto, edifiquei meu grupo praticamente do zero," diz ele.

Em 1993, as operações foram definitivamente encerradas na unidade de Osasco, a maior fábrica da empresa em toda a América Latina, que em seu pico produtivo tinha quase 2.000 empregados; ela foi demolida em 1995 para a construção de um supermercado Walmart e um

Sam's Club, deixando para trás centenas de pessoas doentes e uma grande responsabilidade ambiental, que será discutido posteriormente. Os ex-empregados doentes começaram a se reunir em 1995 e fundaram a Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (ABREA) em 1996, inspirados pela Associazione Esposti Amianto (AEA) na Itália.

Em 1995, a Eternit assumiu o controle de 100% da empresa Prefalsa em Anápolis, Goiás. E em 1997, adquiriu o controle completo da SAMA, que em 2006 se tornou SAMA - S.A. Minerações Associadas, removendo a operação principal (mineração de amianto) de seu nome comercial e tornando-se uma sociedade privada.

No fim da década de 1990, a Saint-Gobain abandonou o uso de amianto, após o banimento na França, e vendeu suas ações na Eternit. Juntas, a Brasilit e a Eternit, no empreendimento conjunto ETERBRAS, mantendo suas respectivas marcas comerciais, controlaram 55% do mercado de telhados no Brasil por uma década e, a partir daí, tornaram-se concorrentes e estiveram envolvidas em uma violenta disputa pela liderança do mercado de telhados de cimento de amianto, chegando a mesmo trocar acusações comerciais e insultos na mídia.

Naquele ponto, a Eternit estava nacionalizada e imediatamente tornou-se estatal, posto que suas ações preferenciais foram mantidas pelo fundo de pensão de empregados do Banco Central (CENTRUS) e pelo fundo de participação social do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social). Conforme o tempo passou e a empresa foi revitalizada, estes fundos foram retirados e, desde então, a Eternit tornou-se líder absoluta do mercado de telhados, com suas ações vendidas na Bolsa de valores de São Paulo (BOVESPA). Com essa injeção de fundos de ambos os fundos dos bancos estatais, o declínio na produção de amianto da SAMA, que tinha sido observado de 1998 a 2000, devido a leis proibindo seu uso em vários estados e cidades importantes do país, foi invertido e o setor teve a chance de se reedificar, contradizendo as previsões corporativas mais pessimistas, que esperaram um colapso completo e iminente do uso de amianto no país.

Embora tivesse perdido o mercado de tanques de água e tubos de transporte de água potável e canos de esgoto para a indústria de plásticos em 1990, isso apresentou à empresa um novo desafio, forçando-a a diversificar e produzir tanques de polietileno de alta densidade. Desde então, a Eternit tem incorporado gradualmente outras empresas na cadeia de produção da construção civil, inclusive os mercados de instalações



A planta da Eternit em Osasco como estava no momento de seu fechamento em 1993. Foto: Periódico da Eternit "O Telhadinho."



Demolição da planta de Osasco em 1995. Foto: Eduardo Metroviche - Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região.

sanitárias (2008) e telhas de concreto (2010). Com isto, de 2006 a 2010, o número de acionistas aumentou de 1.600 para 6.000, de acordo com o site da empresa.¹¹

Por ocasião de sua “retirada” dos negócios de amianto, a Eternit Suíça deixou uma responsabilidade social e ambiental imensa no Brasil, para a qual não gastou um centavo para indenizar as vítimas ou para reabilitar o meio-ambiente nas áreas degradadas. Ela deixou isso inicialmente a sua sucessora, o grupo transnacional Saint-Gobain, e posteriormente, com a saída dos franceses, para a recentemente fundada e nacionalizada Eternit S/A, que tornou-se e será considerada responsável por essa trágica e incômoda herança. Enquanto dirigia a empresa, o grupo suíço nunca reconheceu nem oficialmente informou às autoridades de saúde sobre qualquer caso de doença ocupacional causada pelo amianto.

Responsabilidade Social?

A prova do comportamento irresponsável da Eternit no Brasil, foi o fato de que em 1987 o médico responsável pela saúde ocupacional da Eternit admitiu durante uma inspeção oficial da GIA (Grupo Interinstitucional do Amianto do

Ministério Federal do Trabalho e do Emprego) na planta Osasco, que conhecia seis casos de doenças relacionadas ao amianto. Além disso, ficou claro que nenhum desses casos foi informado à agências relevantes de saúde ou de seguridade social no Brasil, conforme requerido por lei, devido a uma decisão da sede da Eternit na Suíça. Em 1996, esse mesmo médico, agora aposentado, confessou que tinha lidado com muitos casos desses que nunca foram informados. A ordem, que vinha diretamente da Suíça, era de que os casos de funcionários que mostravam sinais de doenças de amianto teriam de ser apresentados individualmente por seus próprios advogados nos tribunais. Tais foram as políticas de “responsabilidade social” da Eternit no Brasil!

Antes das inspeções feitas pelos inspetores do Ministério do Trabalho e do Emprego, uma revisão do livro de Werner Catrina *Der Eternit-Report*, de 1985, por Daniel Berman e Ingrid Hoppe, já mencionava o fato de que o “médico da empresa Eternit já tinha descoberto três casos de asbestose, mas admitiu que 32 outros funcionários tinham suspeita de fibrose pulmonar. Esse médico negou a existência de casos de mesotelioma e câncer de pulmão e sustentou que era improvável que tais casos ocorressem, por

¹¹ Em <http://www.eternit.com.br/corporativo/historia/index.php>

causa da elevada rotatividade de funcionário na fábrica, que tinha o efeito de limitar períodos de longa exposição ao pó de amianto. Ele admitiu, contudo, que a Eternit só começou a realizar exames médicos apropriados e manter registros médicos precisos em 1978, e por esse motivo o número total de casos ocorridos de 1939 a 1978 sempre permaneceria desconhecido.”

A primeira lavanderia de empresa começou a operar somente em fevereiro de 1989, na planta de Osasco, e o periódico *Telhadinho*¹² anunciou que a empresa estudava “possíveis locais para instalar lavanderias e equipamento para cada uma das outras fábricas do grupo”. A preocupação com roupa contaminada na fábrica começou somente no final da década de 1980. Antes disso, os uniformes eram lavados em casa, junto com a roupa das famílias dos empregados.

Os resíduos, antes destas inspeções da GIA, eram frequentemente doados a empregados e aos municípios de Osasco para a pavimentação de estradas, estaleiros e calçadas ou mesmo vendidos como matéria-prima para outras atividades como reforço de materiais, principalmente plásticos, para a fabricação de cabides e fitas para pacotes, como foi descoberto na empresa N.J. Embalagens, embora a Eternit tivesse oficialmente informado às autoridades de saúde pública do país que tinha um ciclo sem resíduos;¹³ em outras palavras, todos os resíduos do processo de produção eram reutilizados pela própria empresa, evitando contaminação externa.

Filtros da máquina de Hatschek e do sistema de ventilação reutilizado por empregados como cortinas e tapetes. Foto de Dr. Vilton Raile.

Os rótulos de alerta do produto não eram suficientemente claros e muito menos indicavam os riscos associados à exposição ao amianto, especialmente o de contrair câncer:

“Fui membro do Comitê Interno de Prevenção de Acidentes (CIPA)”, diz Eliezer João de Souza,¹⁴ presidente d ABREA. “Quando trabalhei na Eternit fiz alguns cursos sobre doenças relacionadas ao amianto, mas só em 1995 descobri que o amianto era cancerígeno. A cada dois anos fazíamos raios x do tórax. Eles nunca nos informaram nada sobre os resultados. O médico da empresa sabia o que acontecia mas escondeu tudo de nós. Eu mesmo tinha pneumonia e outras doenças do tórax e até então não conhecia

a causa.”

A Dívida Social

A revista *Época*,¹⁵ de 30/10/2003, em um artigo intitulado “Ele doou US\$ 2,2 bilhões. Magnata suíço passa o controle acionista de suas empresas a uma fundação filantrópica que opera na América Latina,” enquanto celebrasse efusivamente essa doação, não pôde ignorar as responsabilidades ambientais e o legado venenoso que o grupo Eternit deixou no Brasil e escreveu:

“Os que foram deixados para trás na direção da fábrica, foram funcionários como João Francisco Grabenweger. Aos 77 anos de idade, 38 deles dedicado à Eternit, Grabenweger mal conseguia respirar ar suficiente para andar. Em troca de pulmões arruinados pelo amianto, ele recebe US\$ 1,308¹⁶ por mês como aposentadoria. Um residente do estado de São Paulo, descendente de uma família austríaca, lembra-se do jovem Stephan Schmidheiny, que conversava com ele em alemão. ‘Seu maior pecado foi não fechar a fábrica para que ninguém mais tivesse contato com o amianto,’ arrepende-se Grabenweger.”



Filtros da máquina de Hatschek e do sistema de ventilação reutilizado por empregados como cortinas e tapetes. Foto de Dr. Vilton Raile.

Em 19 de dezembro de 2003 o mesmo João Francisco Grabenweger escreveu uma carta a Schmidheiny em alemão na qual ele disse a seu antigo “colega de trabalho” na planta da Eternit em Osasco sobre sua dor e angústia. Segue-se algumas das passagens mais dolorosas da carta de Grabenweger:

“Você lembra-se, senhor, do tempo que você passou como estagiário em sua fábrica de Osasco, no Brasil, onde você trabalhou nos

12 Periódico “O Telhadinho” no. 91 de Janeiro/Fevereiro de 1989. Um periódico distribuído aos empregados.

13 Em José Meirelles. “Ciclo de Rejeito Zero na Indústria de Cimento-Amianto”. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, N°. 63, Vol. 16, julho/agosto/ setembro de 1989, páginas 69-70.

14 Em <http://www.viomundoxom.br/denuncias/morre-aldo-vicentin-mais-uma-vitima-do-amianto.html>

15 Em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60937-6014-285,00.html>.

16 Taxa de câmbio de 6/1/2012.

departamentos, e fez o trabalho tanto de trabalhadores comuns como de feitores? Naquela época fui designado pela gestão da fábrica para trabalhar com você em toda a fábrica, porque era fluente em alemão. Sou descendente austríaco e meu nome é João Francisco Grabenweger. Não sei se você ainda se lembra deste funcionário humilde com quem você costumava conversar sobre sua paixão pelo mergulho, geralmente no Mar Mediterrâneo. Fui com você, pessoalmente, ao Instituto Butantã, que é mundialmente famoso por a sua coleção de serpentes vivas e por sua produção do soro antiofídico e outras vacinas.

Minha vida como um funcionário na fábrica da Eternit em Osasco começou em 1951 e trabalhei lá até 1989. Penso que posso ser o único sobrevivente daquele período, embora meus pulmões estejam danificados por uma asbestose progressivo e irreversível, com espessamento pleural bilateral difuso e placas bilaterais no diafragma.

Sou de um grupo de 1.200 ex-empregados da Eternit vítimas do amianto. Unimo-nos na Associação Brasileira de Expostos ao Amianto (ABREA), que, em uma grande demonstração de coragem e dedicação, luta tanto no Brasil quanto internacionalmente pelo banimento do amianto e por indenização a vítimas do amianto.

Permita-me perguntar-lhe, senhor, você já leu algum artigo sobre as vítimas dos campos de concentração nazistas? Aquelas que sobreviveram recebem compensação financeira substancial com todos os direitos possíveis. Quando nós, ex-empregados, trabalhamos na Eternit, fomos mantidos completamente ignorantes do fato de que trabalhávamos em um campo de concentração de amianto. Sendo bons funcionários, trabalhamos com o melhor que tínhamos, com completo orgulho e dedicação, para criar o império de cimento de amianto da família Schmidheiny. Mas o que recebemos da “Mãe Eternit?” O que adquirimos foi uma bomba com detonador

de ação retardada que havia sido implantado em nossos tórax.

É possível que você não o saiba, senhor, mas nós, as vítimas de Osasco, aqueles de que ainda estamos vivos, constituímos uma espécie de garantia de emprego para aqueles que defendem a empresa Eternit atual contra seus ex-empregados, humilhando-nos em diariamente com ofertas ridiculamente baixas que eles chamam de “indenização”, as quais são particularmente insultantes àqueles dentre nós com cabelos brancos e saúde frágil.

Espero, sinceramente, receber uma resposta de você tão logo for possível, porque sempre me pareceu que você e sua família não estavam cientes da maior parte do que acontecia nas fábricas, e também porque você me pareceu pessoa muito humanitária e respeitosa, o que me foi confirmado pelo artigo da Revista Época escrito por Alex Mansur, e, portanto, peço-lhe, em nome das vítimas do amianto de Osasco, que nos ajude a garantir a justiça com a qual temos sonhado para aqueles que derem suas vidas por você, senhor, e por sua família e seus negócios.”

João Grabenweger morreu quatro anos depois, no dia 16 de janeiro de 2008, sem ter jamais recebido uma resposta a seu apelo a Schmidheiny, seu antigo colega de trabalho, uma carta pela qual ele esperou até o último dia de sua vida. A Eternit ofereceu-lhe US\$ 27.241¹⁷ para abandonar seu processo judicial por indenização.

ABREA: Visibilidade para os doentes devido ao amianto, reconhecimento social e indenização

A Eternit esperava que os funcionários lesados pelo amianto perseguiriam ações legais individuais por indenização, uma situação que atrairia público mínimo e atenção de imprensa. A coisa última que a empresa desejava era que um grupo de vítimas perseguisse uma ação de classe, notícias que poderiam afetar negativamente a imagem pública da Eternit e compartilhar valor. O fato de que mesotelioma tinha um período de latência tão longo e que muitos funcionários deixaram Osasco depois que não podiam mais trabalhar, garantiu que a condição das vítimas permanecesse invisível. A tragédia social, ambiental e de saúde que a empresa causou, foi, por muitos anos, enterrada junto a suas vítimas. Em 1995, dois anos após a empresa fechar em

17 Ibid.

Osasco, os antigos empregados começaram a unir-se e organizar coletivamente uma luta para obter reconhecimento de doenças de amianto; em busca de tratamento e indenização pelo dano causado e do banimento do amianto no Brasil - eles fundaram a ABREA.

A reação da empresa foi imediata e ela começou a organizar divisões para atrair ex-empregados e suas famílias com o fim de convencê-los a assinar acordos extrajudiciais por valores insignificantes junto com seguro de saúde vitalício, o qual a própria empresa gerenciaria, requerendo que eles abdicassem de qualquer processo judicial futuro. Estes acordos apresentavam disposições para o encerramento dos serviços de saúde em caso de falência da empresa ou do banimento do amianto no Brasil, tornando estes ex-empregados e suas famílias reféns da continuação do uso do amianto.

A Eternit confirmou à imprensa que até o momento firmou 3.000 acordos extrajudiciais com ex-empregados de várias plantas de cimento de amianto do grupo e da mina de amianto de sua subsidiária (SAMA).

O Ministério Público do estado de São Paulo, insatisfeito com essa situação de acordos, em litis consortium com a a ABREA, propôs uma ação de classe erga omnes semelhante à que foi desenvolvido em Turin. Este processo pede indenização para 2.500 vítimas, por danos materiais e morais sofridos, e exige supervisão médica vitalícia e tratamento de saúde dos que estão doentes. Infelizmente, devido à lentidão do sistema judiciário brasileiro, este processo ainda se arrasta sem resolução, apesar de uma sentença favorável em primeira instância que considerou a Eternit responsável por lesar estas 2.500 vítimas, seguida de uma decisão do tribunal de apelação, infelizmente contra, absolvendo a empresa, aceitando argumentos da defesa de que ela sempre cumpria a legislação do trabalho



Descomissionamento da fábrica da Divisão Wagner Wall em Ponta Grossa, Paraná. Foto: Fernanda Giannasi.

brasileira, embora isso fosse insuficiente devido ao nível tecnológico no momento e que só foi reescrito com base na Convenção 162 da OIT em 1991, e na crença de que não havia evidência subjetiva de sua culpa. Apelações a tribunais superiores ainda podem ser feitas, mas estas podem levar muitos anos até serem revisadas. Até lá, muitas das vítimas terão morrido.

Com a mudança da “jurisdição competente” da esfera civil à esfera trabalhista, em função da Emenda Constitucional 45 do dezembro de 2004, tem havido uma aceleração de decisões sobre processos de indenização que antes levavam até 12 anos ou mais para serem concluídos e que têm sido encurtados agora a 5 anos, em média, trazendo a estas pobres vítimas do amianto esperança de que possam viver para receber sua indenização.

Outro benefício visível dessa alteração, é a taxa de sucesso dos processos, que passou de 10,8% na esfera civil a 75,6% na esfera trabalhista.¹⁸ Um aumento substancial nos valores concedidos também foi observado em decisões legais recentes, em média, 1.000 a 2.000% mais alto que os escassos valores concedidos na década de 1990.

Responsabilidades Ambientais

As fotos abaixo falam por si e ilustram a irresponsabilidade da Eternit quanto às suas responsabilidades ambientais.

Janeiro de 2012



Descomissionamento da fábrica de cimento de amianto em Osasco, São Paulo. Foto: Eduardo Metroviche - Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região.

18 Mônica da Silva Stella. “A exposição dos trabalhadores ao risco do amianto avaliada a partir da análise de acórdãos judiciais de 1999 até 2009.” Dissertação apresentada à Faculdade da Saúde Pública da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

14. A ETERNIT E A “AGONIA DUPLA” DAS VÍTIMAS DO AMIANTO NOS PAÍSES BAIXOS

Bob Ruers¹

A primeira vítima conhecida do amianto nos Países Baixos foi reconhecida em 1930. A conexão entre o amianto e câncer de pulmão foi confirmada em 1942 e as primeiras vítimas de mesotelioma apareceram na literatura médica durante a década de 1950. Foi contudo somente em 1984 a primeira vez que um funcionário afetado por uma doença relacionada ao amianto pediu indenização por seu empregador. Desde 1984, houve uma série ininterrupta de casos de tribunal apresentados contra empregadores e produtores. Até o momento, as vítimas do amianto são forçadas a dirigir-se ao Tribunal para receber indenização pelos danos causados a eles. Abaixo, segue-se um curto resumo de tais desenvolvimentos, adequadamente descritos como “agonia dupla” - a agonia jurídica sobre a médica.

Grupo Eternit Belga

Mesmo antes de 1920, a empresa Eternit Belga (Belgische Eternitbedrijf), que tinha à sua disposição a patente do Eternit de Hatschek, era uma importante concorrente da única firma de amianto holandesa, que também tinha direitos à patente de Hatschek, a empresa de Amsterdã conhecida como Martinit. Em 1928, a Martinit não foi mais capaz de concorrer com a Eternit Belga e em 1930 foi englobada pela seu concorrente belga. Uma grande parte da produção de cimento de amianto da Martinit foi movida para a Bélgica e de lá a Eternit Belga exportou seus produtos em grande escala aos Países Baixos. Em 1937, para atender ao mercado holandês, a Eternit fundou uma nova fábrica de cimento de amianto na aldeia de Goor. A Eternit Goor cresceu rapidamente até tornar-se a maior empresa de cimento de amianto dos Países Baixos.

Dois anos antes, em 1935, em Harderwijk, os irmãos Salomons tinham fundado a firma de cimento de amianto Asbestona. Inicialmente, a Asbestona resistiu firmemente ao estabelecimento da fábrica rival da Eternit em Goor, mas alguns anos depois, a família Emsens, que controlava a empresa Eternit Belga, secretamente assumiu as ações da Asbestona dos irmãos Salomons. Após a guerra, a família Emsens também assumiu a *Nederlandse Fabriek van Asbestproducten* (Fábrica de Produtos de Amianto da Holanda), a “NEFABAS”, com sede em Oosterhout, cuja atividade principal envolvia o uso de papel e papelão de amianto para produção de material de isolamento. Como a Eternit Bélgica ao mesmo tempo também tomou controle de uma pequena fábrica de cimento

de amianto, a Ferrocal, a partir de 1950, todo o mercado de cimento de amianto nos Países Baixos esteve nas mãos do grupo Eternit Belga. Desde então, todas as decisões importantes quanto a investimento, expansão e fechamentos de empresas na indústria holandesa de amianto/cimento de amianto foram tomadas na sede da Eternit em Bruxelas.

As vítimas do amianto da Eternit

A primeira vítima conhecida do amianto em uma fábrica da Eternit foi o Sr. Christiaanse, funcionário da fábrica de cimento de amianto da Eternit em Amsterdã, em 1956. Ele havia sido contratado dez anos antes como operador de máquinas. De acordo com uma investigação conduzida pela Eternit em 1951, Christiaanse trabalhou em “um ambiente praticamente livre de pó,” mas em 1956 foi confirmado que ele sofria de asbestose.² Em 1972, abestose foi confirmada em um empregado da NEFABAS. De 1945 a 1972 ele tinha trabalhado na NEFABAS em Oosterhout e lá tinha sofrido exposição prolongada ao amianto. Em 1975, tanto asbestose quanto câncer de pulmão foram confirmados em um empregado da Eternit Goor, e em 1976 ele morreu como resultado destas doenças. Mesotelioma foi registrado em mais três funcionários da Eternit Goor em 1975, 1981 e 1982, respectivamente. Em nenhum destes casos a Eternit publicou quaisquer informações fora da firma. Nenhuma das vítimas conseguiu estabelecer a responsabilidade da Eternit. Em vista do longo período de latência de doenças relacionadas ao amianto, vale a pena mencionar que antes de 1967 não era possível, de acordo com a lei do trabalho holandesa, que um funcionário considerasse seu empregador responsável por uma doença ocupacional e, com base nisso, pedir indenização.

Primeiros casos judiciais contra a NEFABAS e a Eternit

Em meados da década de 1980, como resultado de diversos fatores complementares, a maré mudou para as vítimas de amianto nos Países Baixos. Pela primeira vez, cientistas tomaram o lado das vítimas e dedicaram seu conhecimento à sua disposição. Dantes, os cientistas quase sempre eram empregados por, ou de outra forma pagos por, a indústria de amianto. Um segundo fator foi a decisão de um antigo empregado da NEFABAS, que sofria asbestose, de levar seu antigo empregador ao tribunal. Isso significou que a indústria do amianto, que desfrutava enorme influência no governo e por muito tempo tinha

¹ Bob Ruers é advogado nos Países Baixos especializado em litígios de amianto. Ele é também consultor jurídico do Comitê holandês de Vítimas do Amianto e membro do Senado holandês. Ele correntemente está terminando sua tese de PhD sobre a regulamentação do amianto nos Países Baixos. E-mail: ruers@woutvanveenadvocaten.nl.

encontrada simpatia por seus pontos de vista, seria pela primeira vez considerada responsável perante um juiz por suas políticas, por condições de trabalho na indústria e por medidas de segurança e saúde. É importante observar que a primeira organização de e para vítimas do amianto foi estabelecida; estas mesmas vítimas receberam suporte político, organizacional e financeiro significativo do Partido Socialista (PS). Além disso, a assistência legal provida pelo estado encorajou as vítimas do amianto.

Com o apoio do PS, três viúvas que tinham perdido seus maridos por doenças relacionadas ao amianto foram, conjuntamente, as primeiras a levar a Eternit Goor ao tribunal. Ao mesmo tempo, De Schelde, um empregado do estaleiro Vlissingen, que tinha sido exposto ao amianto entre 1949 e 1967, foi ao Tribunal com o apoio de seu sindicato para pedir indenização por mesotelioma de doenças relacionadas ao amianto. O caso do ex-empregado levou a uma decisão no Supremo Tribunal em seu favor, fortalecendo consideravelmente a posição legal dos afetados por doenças relacionadas ao amianto [1]. Entre as consequências da sentença, estava uma decisão da Eternit Goor de pagar a indenização às “três viúvas.” O funcionário De Schelde foi também bem sucedido, o Supremo Tribunal decidiu em seu favor em 1993, decisão com a qual o Tribunal reconheceu que mesotelioma é uma doença que pode ser contraída pela inalação de pó de amianto, o que pode ser provocado em uma exposição relativamente curta - “através da inalação de um cristal de amianto” - e que o período de incubação chega a vinte e quarenta anos [2],

Organização e Táticas das Vítimas do Amianto

Em 1995, por iniciativa do PS, o Comitê de Vítimas do Amianto (CAS) foi fundado. Este comitê foi um sucesso imediato e atendeu uma necessidade urgente: no primeiro após seu estabelecimento, 600 vítimas e seus parentes foram ao CAS para obter informações e assistência.³ Com o suporte do CAS, o auxílio financeiro do PS e a ajuda de peritos científicos, numerosas ações judiciais foram empreendidas contra empregadores, dentre os quais a Eternit era um dos mais importantes. Os desenvolvimentos na administração de justiça eram, dado os problemas ocasionados pelo lapso de tempo e pela prescrição, geralmente positivos. Era cada vez mais frequente que os empregadores fossem considerados responsáveis e obrigados a pagar indenização tanto por danos materiais quanto por não materiais. O valor concedido a vítimas de mesotelioma na década de 1990 estava na faixa de €40.000, crescendo após 2000 para aproximadamente €50.000. A posição das vítimas de amianto atraiu crescente atenção na mídia, enquanto a PS constantemente garantia

que o espectro de problemas de amianto e o problema das vítimas permaneciam na agenda. Através disso, portanto, o PS registrou diversas conquistas, inclusive a garantia de que as prescrições, cujos efeitos eram para as vítimas do amianto extremamente injustos, seriam reformadas.

Cinco Categorias de Vítimas do Amianto da Eternit

As vítimas de doenças relacionadas ao amianto - asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma - podem, em termos práticos, ser divididas em várias categorias dependendo da natureza de sua exposição e o grau ao qual a indenização por danos pode ser pedida em um tribunal. Distingui aqui cinco grupos, os quais ilustrarei resumidamente, grupo por grupo.

1) Empregados e Ex-empregados

O primeiro e também o maior grupo de vítimas do amianto sempre consistia principalmente de empregados e ex-empregados de indústrias que processam amianto, produtos de amianto e materiais contendo amianto, e este continua a ser o caso. A indústria de isolamento desempenhou um importante papel principal nisto na década de 1950, seguida pela construção naval e depois pela indústria de cimento de amianto e pelo mercado de construção. Como até 1967 era impossível, com base na Ongevallenwet (Lei para Acidentes), responsabilizar um empregador, queixas com base em doença ocupacional não foram ouvidas até aquele ano. Da década de 1980 em diante, contudo, o número de casos no tribunal cresceu rapidamente. Contra os pedidos de vítimas que tinham sido expostas ao amianto em fábricas da Eternit, a empresa defendeu-se com o argumento de que sempre tinha comportado-se “como um bom empregador,” que antes de 1970 a firma não teria como conhecer os riscos associados ao câncer com o amianto, e que após 1970 ela tinha tomado todas as medidas de segurança apropriadas. A Eternit também citou o fato de que até 1990 não havia nenhum consenso científico quanto aos perigos do amianto branco. Na maior parte dos casos, as vítimas do amianto tiveram sucesso no tribunal, com a ajuda de cientistas, em refutar tais argumentos. Após a Eternit perder diversos casos no tribunal, a firma mudou de rumo e declarou-se preparada a pagar a indenização a todos os empregados e ex-empregados de suas fábricas que sofriam doenças relacionadas ao amianto.

2) Membros de família e coabitantes

No início da década de 1990, duas novas categorias de vítimas do amianto da Eternit estavam evidentes: os que tinham compartilhado o espaço

³ O número de vítimas de mesotelioma nos Países Baixos chegou em 1969 a 70 por ano, em 1990 a 270 p.a., em 2000 a 390, e em 2009 a 470. Isso significa que proporcionalmente, os Países Baixos estão entre os cinco países com maior incidência de mesotelioma.

vivo com empregados ou antigos empregados das fábricas da firma e membros de suas famílias. Estes foram expostos ao amianto pela roupa de trabalho de seus maridos ou pais, que tinham trabalhado com o amianto nestas fábricas. No primeiro exemplo a empresa recusou-se a pagar tais vítimas qualquer indenização. O mais importante fundamento da defesa da Eternit era o argumento que, na época, a empresa não tinha como prever que a exposição através das vestimentas era tão perigosa. Portanto, estas vítimas também foram obrigadas a ir ao Tribunal. Entre os primeiros a assim o fazer estavam o Sr. e a Sra. Van Gemmert. Ambos contraíram mesotelioma no início da década de 1990. O Sr. Van Gemmert (1924-1993) foi exposto entre 1946 e 1982, durante o período que ele trabalhou na fábrica da Eternit em Goor. Sua esposa (1921-1994) foi exposta no mesmo período através do contato com a roupa de trabalho de seu marido. Depois de um longo processo no tribunal, a Eternit concordou em aceitar a responsabilidade e pagou a indenização pedida.⁴ No segundo exemplo, instância comparável envolvia Marino Grootenhuis, nascido em 1964, diagnosticado com mesotelioma no início de 1996, quando tinha 32 anos. Ele foi exposto através da roupa de trabalho de seu pai, que em 1966-67 e 1976-77 tinha trabalhado por períodos relativamente curtos na fábrica da Eternit em Goor. Marino Grootenhuis morreu em 1997. Mais uma vez, no caso de Grootenhuis, a Eternit contestou a responsabilidade no tribunal, mas em vão. Logo após isso, a Eternit mudou sua política e anunciou que a empresa estava preparada a pagar indenização a qualquer “coabitante” de um empregado ou ex-empregado confirmado como sofrendo mesotelioma.⁵

3) Vítimas Ambientais

Entre 1945 e 1975 a empresa de cimento de amianto Eternit Goor e sua firma irmã Asbestona entregava, gratuitamente e em grande escala, resíduos fabris contendo amianto a pessoas que viviam nas vizinhanças de suas fábricas, os quais os receptores usavam para pavimentar e nivelar quintais, alamedas, vias e jardins. Desta maneira, em um raio de cerca de 25 quilômetros ao redor das fábricas, milhares de locais estavam onde resíduos industriais perigosos podiam ser encontrados, sem qualquer alerta ter sido jamais dado pela Eternit e pela Asbestona aos usuários de que eles podiam estar em perigo. Um idoso de 34 anos nas vizinhanças da fábrica da Eternit em Goor, que em 1991 morreu devido aos resultados de um mesotelioma, foi a primeira vítima conhecida dos resíduos da Eternit. Em sua juventude, ele frequentemente pilotava sua motocicleta em estradas reforçadas com estes resíduos. Alguns anos depois, mais vítimas dos

resíduos surgiram, e a Eternit pela primeira vez pagou indenização por este tipo de exposição; mas sem admitir responsabilidade e com a condição de que o pagamento fosse mantido em segredo. O recebedor foi uma mulher de 38 anos, que tinham entrado em contato com os resíduos quando criança. No mesmo ano, mesotelioma foi confirmado em uma mulher de 44 anos que tinha sido exposta a resíduos de Eternit desde a primeira infância. A Eternit recusou-se admitir a responsabilidade, obrigando a mulher a dar entrada em uma ação judicial contra a firma.⁶ Em 2003, o tribunal rejeitou seu pedido, sustentando que a Eternit não tinha agido ilegalmente, pois no período de 1945 a 1972 a firma não conhecia, nem poder-se-ia esperar que ela conhecesse, os perigos potenciais ligados à prática de disponibilizar resíduos de amianto para superfícies de estradas. Outra mulher vítima de mesotelioma na vizinhança imediata da fábrica da Eternit em Goor foi exposta aos resíduos no celeiro de sua casa entre 1960 e 2000. Em 2000 ela morreu, com 62 anos de idade. Ela, junto com seu marido, durante o período de 1960-1975, tinha usado regularmente resíduos de Eternit para pavimentar vias e estaleiros em sua fazenda. Após a morte de sua esposa, o viúvo deu entrada em uma ação de responsabilidade contra a Eternit, mas a Eternit negou a responsabilidade. Quando o caso foi ouvido em 2006, o tribunal de Almelo rejeitou o pedido, mas o Tribunal de Apelação em Arnhem sentenciou em 2007 que a Eternit de fato tinha agido ilegalmente:

“...ao, de 1967 a 1970, sem qualquer alerta ou indicação quanto ao perigo relacionado ao uso amianto (livremente lançado, e/ou processamento e/ou desgaste), regularmente e de forma incontrolada distribuir quantidades de resíduos de cimento de amianto.”

Ordenou-se que a Eternit pagasse indenização por danos ao viúvo. A empresa acedeu à sentença e pagou a indenização.

Em 2003, os epidemiologistas Burdorf et al conduziram uma pesquisa sobre a ocorrência de mesotelioma pleural entre mulheres nas proximidades da fábrica da Eternit em Goor. Eles encontraram cinco casos de mesotelioma entre mulheres que não tinham sofrido nenhuma exposição em emprego pago ou em suas tarefas domésticas. Esse número indicou uma taxa de mortalidade mais de dez vezes maior que a incidência esperada [3]. Em uma investigação mais extensiva alguns anos depois, Burdorf et al investigaram se “uma concentração de doenças consistindo de 22 casos de mesotelioma pleural

4 Em 2008, mesotelioma também foi confirmado em sua filha G. van Gemmert, que nascera em 1955. Ela estabeleceu a responsabilidade da Eternit e recebeu indenização. Em junho de 2008 ela morreu, com 52 anos de idade.

5 Após 1994, 30 vítimas de mesotelioma foram diagnosticadas na categoria “coabitante”; em 8 casos estes eram membros da família de empregados da Eternit.

6 Por causa da natureza fundamental do caso, ela recebeu suporte financeiro do PS.

entre mulheres no período de 1989-2002” estava ligada a fontes de exposição no meio-ambiente, tais como estradas reforçadas por amianto e estaleiros [4]. Os pesquisadores confirmaram que em dez mulheres na região de Goor, a ocorrência de mesotelioma pleural pôde ser atribuída com certeza a exposição ambiental, enquanto em mais quatro exposição ambiental foi a causa mais provável de sua doença. Com base nesta descoberta, os pesquisadores concluíram que a exposição ambiental ao amianto na área ao redor de Goor era a explicação mais significativa para a “incidência consideravelmente maior de mesotelioma pleural entre mulheres” e que, considerando-se um risco equivalente para homens, o resultado da contaminação por amianto na área durante os próximos 25 anos seria dois casos adicionais de mesotelioma pleural por ano.

Em 2005, a Eternit decidiu que, também quanto a esta categoria de vítimas, eles não ofereceriam mais nenhuma defesa e, pelo contrário, declararam-se preparados, sob certas condições, a pagar indenização a este grupo.

4) Consumidores e Autônomos

A quarta categoria de vítimas de amianto consiste de consumidores e autônomos. A primeira vítima de mesotelioma nesta categoria foi Sra Nieborg-Horsting, nascida em 1950, diagnosticada com mesotelioma em 2002. Em 1971, ela foi exposta por vários meses na fazenda de seus pais durante a construção de um abrigo no qual folhas corrugadas contendo amianto foram usadas como material para telhas. As folhas vieram da Eternit. O processo da Sra Nieborg contra a Eternit sustentava-se no argumento de que, de acordo com o tribunal, a Eternit deveria, em 1971, ter avisado os usuários de suas folhas de amianto sobre o perigo ligado a seu uso. A sentença foi confirmada em apelação. Em uma nova apelação, contudo, o Supremo Tribunal anulou a sentença do tribunal com base no prazo de prescrição. O Tribunal de Apelação de Hertogenbosch decidiu que a defesa da Eternit baseada no prazo de prescrição era inaceitável, pois conflitava com a racionalidade e a justiça [5].

Sr. Wolting, um agricultor nascido em 1950, construiu em 1979 um grande abrigo em sua fazenda, usando 669 folhas de cimento de amianto onduladas como material para o teto. As folhas eram da Asbestona (posteriormente conhecida como Nefalit). Isso resultou na exposição ao amianto. Em 1999, um pneumologista diagnosticou mesotelioma em Wolting, que veio a falecer devido à doença um ano depois. Após seu falecimento, Os herdeiros

de Wolting deram entrada em um processo de responsabilidade contra a Nefalit, mas a firma negou a responsabilidade. A opinião do tribunal foi que o conhecimento dos perigos de saúde de materiais contendo amianto estavam já disponíveis em 1970-71 dentro do círculo de produtores aos quais a Nefalit pertencia e que este certamente era o caso em 1979. Por esse motivo, poder-se-ia esperar em 1979 que a Nefalit, ao distribuir folhas de cimento de amianto onduladas, alertasse o público, e certamente aqueles como Wolting, envolvidos no manuseio das folhas, sobre os riscos à saúde. O tribunal concluiu que a Nefalit tinha atuado ilegalmente para com Wolting e seus herdeiros e estava portanto sujeita a indenização. O Tribunal de Apelação de Arnhem confirmou a sentença em maio de 2010.⁷

Outro exemplo da exposição ao amianto em relação a um consumidor foi o caso da Sra. Hoeve, nascida em 1939 e nativa de Amsterdã. Em 1972, mudanças foram feitas à casa de Hoeve, para as quais aproximadamente 30 metros quadrados de folhas contendo amianto foram usadas. As folhas eram da marca Nobrande e produzidas pela Asbestona (depois Nefalit). O trabalho resultou na exposição de Hoeve ao amianto. Em janeiro de 2007, ela descobriu que sofria de mesotelioma, pelo qual ela considerava a Nefalit responsável. A Nefalit contestou a reivindicação de Hoeve, argumentando que:

- (a) a reivindicação de Hoeve estava prescrita;
- (b) não havia certeza de que mesotelioma tinha uma só causa;
- (c) Hoeve sofrera apenas uma exposição extremamente limitada durante o trabalho feito em 1972;
- (d) a Nefalit não conhecia e não poderia conhecer, em 1972, o risco potencial de exposição ao amianto por duração extremamente curta, e
- (e) em 1972, não havia nenhuma obrigação legal de incluir um alerta em suas folhas de cimento de amianto onduladas.

O julgamento do tribunal foi que a defesa da Nefalit quanto à prescrição era inaceitável com base na racionalidade e justiça e deveria, portanto, ser rejeitada. Quanto a isto, o tribunal acrescentou estas observações:

“Deve-se considerar se a Nefalit, no momento em que estas folhas foram postas no mercado, em 1972, estava ciente, ou deveria estar ciente, de que graves riscos de saúde existiam em relação ao trabalho com folhas contendo amianto para os que usam o produto, riscos os quais

⁷ Gerechtshof (Tribunal) Arnhem 11 de maio de 2010 acerca de Nefalit/Schraa, Wolting. Neste exemplo, a Nefalit, uma subsidiária da Eternit, já tinha levado o caso ao Supremo Tribunal

deveriam ter sido informados. Afinal, um produtor incorre em culpa caso não tome as medidas que venham a ser necessárias para que um fabricante cuidadoso evite uma situação na qual o produto que ele levou ao mercado cause danos em seu uso normal para o objetivo final do produto. Em casos de efeitos colaterais como risco grave à saúde, um alerta deve ser dado, mesmo se a frequência do risco for baixa.”

Os outros argumentos da Nefalit também foram rejeitados pelo tribunal. O tribunal, portanto, concluiu que a Nefalit tinha atuado ilegalmente em relação a Hoeve e ordenou que a firma pagasse indenização. A Nefalit resignou-se ao veredicto.⁸

5) Responsabilidade de Fabricantes

Por fim, um grupo separado de vítimas do amianto são trabalhadores que contraíram doenças como resultado da exposição em seu trabalho, mas seu antigo empregador não pode ser mais considerado responsável porque a firma mais existe, não pode ser localizada ou faliu. Para estes trabalhadores, nos Países Baixos existe a possibilidade de responsabilizar não somente seu antigo empregador, mas também o produtor dos materiais contendo amianto com os quais eles trabalharam. Para tal, eles devem comprovar que ficaram doentes como resultado do uso destes materiais e que os produtores dos materiais negligenciaram a emissão de um alerta acerca de seu uso, apesar de que poderia se esperar tal alerta do produtor.⁹ Em março de 2010, o tribunal de Gravenhage decidiu a favor de um certo Sr. Langezaal e contra a Eternit, como produtora. Seu próprio empregador não podia ser considerado responsável por Langezaal, que trabalhara como carpinteiro entre 1956 e 1967, período durante o qual ele fora exposto ao amianto, porque a firma que o empregou não mais existia.

Solidariedade Internacional

Em muitos dos casos jurídicos discutidos acima, além de extensiva documentação científica e do suporte de peritos holandeses, o conhecimento e as informações fornecidas por peritos estrangeiros na área do amianto desempenharam um importante papel.¹⁰ É bom poder aproveitar esta oportunidade de registrar o fato de que, através deste suporte mútuo internacional altruísta, muitas vítimas do amianto puderam concretizar uma posição mais forte em relação à internacionalmente organizada indústria de amianto.

Março de 2011

Referências

1. Hoge Raad (Supremo Tribunal) 6 de abril de 1990, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 1990, 573, Janssen/Nefabas.
2. Hoge Raad (Supremo Tribunal) 25 de junho de 1993, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 1993, 686, Cijssouw/De Schelde.
3. Burdorf, Dahhan, Swuste, Pleuramesothelioom bij vrouwen in verband met milieublootstelling aan asbest, (Mesotelioma pleural relacionado à exposição ambiental) em: *Nederlands Tijdschrift voor Geneesmiddel (Jornal de Medicina dos Países Baixos)* 28 de agosto de 2004, 148 (35), p. 1727-1731.
4. Sinnighe Damste, Siesling, Burdorf, Milieublootstelling aan asbest in de regio Goor vastgesteld als oorzaak van maligne pleuramesothelioom bij vrouwen, (Exposição ambiental ao amianto na região de Goor como causa de mesotelioma maligno pleural) em: *Nederlands Tijdschrift voor Geneeskunde (Jornal de Medicina dos Países Baixos)*, 2007; 151 (44) p. 2453-2459.
5. Supremo Tribunal, 25 de novembro de 2005, Eternit/Horsting, *Nederlandse Jurisprudentie (Jurisprudência Holandesa)* 2009, 103, com nota de Giesen.

8 VEREDICTO DO TRIBUNAL DE AMSTERDÃ, HOEVE/NEFALIT 24 DE JUNHO DE 2009.

9 VEREDICTO DO TRIBUNAL DE GRAVENHAGE 3 DE MARÇO 2010 ACERCA DE LANGEZAAL/ETERNIT. A ETERNIT APELOU CONTRA ESTE VEREDICTO.

10 A SABER, B.I. CASTLEMAN, G. TWEEDALE, J. MCCULLOCH, L. KAZAN-ALLEN E M. PEACOCK.

15. A ETERNIT NA FRANÇA

Marc Hindry¹

Uma Breve História

A Eternit produziu e vendeu produtos de cimento de amianto na França por 75 anos - de 1922 a 1997 (o ano do banimento na França). Durante a maior parte deste tempo, a produção e venda de cimento de amianto na França foi controlada por um cartel no qual a Eternit atuou junto com a multinacional francesa Saint-Gobain (através de subsidiária, a Everite). As primeiras plantas da Eternit foram construídas em 1922 em Thiant e Prouvy (cidades gêmeas no département norte) seguidas por fábricas em Vitry-en-Charollais (Paray-le-Monial, Saône-et-Loire dép), Vernouillet (Triel, Yvelines dép), Caronte (Bouches-du-Rhône dép), Saint-Grégoire (Rennes, Ille-et-Vilaine dép) e Terssac (Albi, Tam dép). Conquanto as fábricas de Prouvy e Caronte foram fechadas, Vernouillet abriga a sede da empresa Eternit; as quatro outras fábricas foram convertidas (em 1996-97) à produção de fibrocimento sem amianto.

O apogeu do império do cimento de amianto ocorreu nos anos 70, quando a Eternit empregava mais de 5000 pessoas e produzia mais de 600.000 tons de produtos de cimento de amianto por ano. Em 1970, por exemplo, os níveis de contratação e produção de várias plantas eram: Prouvy e Thiant 2360 e 260.000 tons; Vitry-en-Charollais 1182 e 180.000 tons; Caronte 668 e 72.000 tons; Saint-Grégoire 724 e 130.000 tons (a fábrica de Albi não foi aberta até 1971).

Até 1965, a Eternit também operou a mina de amianto de Canari, na costa da Córsega, onde aproximadamente 300.000 tons de amianto foram extraídas. A Eternit deixou neste local um verdadeiro desastre ecológico; parte da baía encheu-se de resíduos de amianto.

A filial francesa da Eternit também desenvolvia a produção de cimento de amianto no que eram então colônias francesas. Fábricas foram estabelecidas em Senegal (empresa Sénac), Argélia (subsequentemente fechada, posto que a Argélia reduziu e depois banuiu o uso de amianto) e Indochina (Vietnã). A Eternit também participou em empresas no Marrocos (empresa Dimatit) e Tunísia (empresa Sicoac).

“Uso Controlado” Conforme a Eternit

A Eternit contribuiu enormemente para a desinformação sobre os perigos do amianto. Este foi claramente um dos pilares do “Chambre Syndicale de l’Amiante” (Sindicato de Produtores de Amianto) e da “Association des Producteurs d’Amiante-ciment” (Associação dos Produtores

de Cimento de Amianto). Nos anos 60, estes grupos contrataram o Gabinete Valtat (a firma de relações públicas “*Communications Economiques et sociales*” criada por Marcel Valtat) para organizar a promoção do amianto, publicando folhetos com títulos de efeito como “*Vivre avec l’amiante, fibra de la terre*” (vivendo com o amianto, a fibra da terra). Durante os anos 80, os perigos e os efeitos do amianto tornavam-se cada vez mais difíceis de esconder, portanto o Gabinete Valtat criou (oficialmente em 1984) uma formidável ferramenta de lobbying batizada “*Comité Permanent Amiante*” (Comitê Permanente do Amianto (CPA)). De 1984 a 1996, ano em que a ANDEVA foi criada, o CPA essencialmente determinou todas as decisões do governo quanto a amianto. Ele teve sucesso em unir fabricantes do amianto, representantes ministeriais, médicos e representantes sindicais em uma estrutura financiada pela indústria do amianto para promover o “uso controlado do amianto.” Em 1993, os representantes da Eternit no CPA eram H. Leclercq, diretor da fábrica de Thiant, e B. Votion.²

Os esforços para promover o mito do uso controlado infelizmente não foram combinados com iniciativas para aumentar a segurança de funcionários e o cuidado ambiental. De fato, pode-se justificavelmente afirmar que se o dinheiro investido em propaganda fosse usado para segurança e prevenção, veríamos hoje um menor número de fatalidades devido ao amianto da Eternit. Os folhetos do CPA elogiavam os maravilhosos esforços dos membros da indústria do amianto na França para aumentar a segurança em suas fábricas. Como um detalhe irônico e fruto de lobbying inteligente, em 1985 o Ministério do Meio-Ambiente da França concedeu um prêmio de tecnologia limpa à Eternit!

A realidade às vezes contra-ataca: em 1995 o canal de televisão nacional da França, o canal 2, filmou o dia de um funcionário comum da fábrica de Thiant (a fábrica de H. Leclercq) e os espectadores descobriram que os sacos de amianto bruto eram abertos com um canivete, e então esvaziados manualmente por um funcionário em uma máquina de mistura; o funcionário não usava nenhuma proteção respiratória, tendo como o único meio para remoção de pó um dispositivo aspirador instalado acima da boca do misturador. Um médico que trabalhava no hospital mais próximo, localizado em Denain, calculou que em seu serviço testemunhava aproximadamente 30 novos casos de mesotelioma por ano.

¹ Marc Hindry: Université Paris Diderot, Paris 7; Association Nationale des Victimes de l’Amiante, France (ANDEVA); hindry@math.jussieu.fr

² Em 1993, Bernard Votion foi listado como uma “pessoa qualificada”, mas em publicações anteriores do CPA ele aparece pertencendo à Eternit.

A Eternit e a Justiça Francesa

Não obstante algumas contestações, até o momento a Eternit permaneceu essencialmente intocada pela justiça na França. Em 18 de dezembro de 1997, o Tribunal de Apelação de Mâcon considerou a Eternit culpada por “*faute indesculpável*” (“falha indesculpável”), quanto às doenças de vários funcionários da fábrica Paray-Le-Monial. Desde então, os Tribunais de Apelação sancionaram a Eternit por mais de mil incidências de doenças ocupacionais, incluindo centenas de mortes. Todas as fábricas da Eternit foram condenadas. Deve-se, porém, observar que, devido a uma falha da lei, a Eternit foi culpada mas praticamente não pagou as indenizações; de fato, a maior parte dos danos foram indenizados pelo sistema de seguro de saúde. Não obstante, o Fundo de Indenização de Vítimas do Amianto (FIVA) abriu diversos recursos quanto a vítimas domésticas e ambientais do amianto das fábricas da Eternit.

Em 1996, a ANDEVA deu entrada, em um processo civil, em uma “*plainte contre X*” (“queixa contra pessoas desconhecidas”), por lesões e homicídios involuntários, *abstention délictueuse* (falha intencional em agir [para proteger pessoas de perigo iminente]) e envenenamento; este processo visada todos os responsáveis pela catástrofe de saúde do amianto: os fabricantes de produtos de amianto, as autoridades de saúde pública e do trabalho, os médicos que colaboraram no processo.

Embora aproximadamente quinze anos tenha se passado desde o processo da ANDEVA, nenhum indivíduo foi considerado responsável pelos crimes listados na queixa. Contudo, em novembro de 2009, M. Joseph de Cuvelier, filho do fundador da Eternit França, diretor do grupo de cimento de amianto Eternit de 1971 a 1994, foi investigado pela *juge d’instruction* (juíza inquisitiva) Marie-Odile Bertella-Geoffroy por “ferimentos e homicídios involuntários.” Ele é acusado principalmente de não ter tido sucesso em implementar medidas de proteção e segurança para funcionários expostos ao pó de amianto nas fábricas da Eternit. Estas investigações ainda estão em andamento.

As Vidas Destruídas pela Eternit.

Números não podem descrever a soma de dramas, tragédias pessoais, raiva, desespero, resignação e humilhação que resultou do descuido, falsidade e ganância da Eternit. Os testemunhos e os comentários abaixo dão alguma ideia dos danos que a empresa infligiu.

CARONTE. Michel Salard³ trabalhou 22 anos na fábrica da Eternit em Caronte, Port-de-Bouc,

perto de Marseille. Com resultado, ele agora tem placas pleurais. Sua esposa Zoé costumava lavar suas roupas de trabalho, cobertas de pó de amianto; ela sacudia o pó antes de lavá-las. Hoje ela sofre de mesotelioma, diagnosticado em 2008. Ele conta sua história:

“Trabalhei 22 anos na Eternit em Caronte, com amianto. Zoé, minha esposa, lavava minha roupa de trabalho; 29 anos após a fábrica ser fechada, descobrimos que ela tinha mesotelioma.

O pó de amianto estava presente em toda a fábrica; quando recortávamos telhas de cimento de amianto quebradas, quando limpávamos as máquinas e os dutos de ar nos sábados... o sistema de ventilação era insuficiente.

Hoje há muitas vítimas entre os funcionários, mas também entre suas famílias.

Por muitos anos, os representantes dos sindicatos dos trabalhadores e o comitê de segurança pediram que nossa roupa de trabalho fosse lavada por nosso empregador. Eles constantemente recusavam-se, afirmando que ‘a Eternit não é uma lavanderia...’

Portanto, era minha esposa quem lavava minha roupa coberta pelo pó trazido da planta. Ela costumava sacudi-las antes de lavá-las. Ela respirou fibras de amianto dia após dia, mês após mês, ano após ano, por 19 anos. Hoje ela está muito gravemente doente. Ela não é a única. Conheço três esposas de funcionários da Eternit que ficaram doentes. Certamente existem outros.

O FIVA⁴ iniciou um recurso contra a Eternit no tribunal civil de Aix-en-Provence, invocando o artigo 1384 do Código Civil.⁵ O processo está sendo examinado pelo tribunal.

A ‘falha indesculpável’ da Eternit foi diversas vezes reconhecida pelos tribunais, mas a Eternit conseguiu escapar de punição financeira, explorando negligências administrativas da Organização de Seguridade Social.”

Mireille, esposa de Robert, conta sua história:

“Meu marido Robert Wuilbeaux começou a trabalhar na Eternit em 26 de outubro de 1953, com 16 anos de idade, para ajudar

³ Testemunho publicado no boletim da Andeva No 34, janeiro de 2011.

⁴ O Fundo para Indenização de Vítimas do Amianto (FIVA) concedeu indenização a Zoé Salard

⁵ O Artigo 1384 do Código Civil francês diz essencialmente que uma pessoa é responsável não só por danos causados diretamente, mas também por danos causados por pessoas sob sua/ sua responsabilidade e por produtos em custódia.



A foto é cortesia de Mireille Wuilbeaux

THIANT. No centro da foto acima, está René Delattre, que morreu de mesotelioma em 2007; imediatamente atrás dele está Robert Wuilbeaux, que morreu de mesotelioma em 2005; ambos trabalharam na fábrica Thiant e eram muito ativos na filial de Thiant da associação de vítimas: Comitê Amiante Prévenir Et Réparer (CAPER) (Comitê de Prevenção e Indenização do Amianto).

a sustentar sua família. Ele passou 42 anos trabalhando lá. Ele trabalhou como moldador por 30 anos, antes de passar a operar guindastes. Em 1995, ele aposentou-se antecipadamente, um descanso bem merecido.

Em 1998, como todos os empregados que trabalhavam com o amianto, foi marcada para Robert uma consulta para um minucioso exame médico ocupacional. Ele recusou-se a ir, e eu tive que insistir. Em dezembro de 1999, ele finalmente procurou um pneumologista, fez um raio x e então uma tomografia em janeiro de 2000. Os resultados revelam placas pleurais. Três meses depois, Robert descobriu que tinha incapacidade respiratória de 10%, devido ao amianto inalado todos aqueles anos na Eternit. E progressivamente, o amianto ganhou território e continuou seu lento processo destrutivo.

De uma incapacidade de 10%, Robert passou a 15% em setembro de 2001, então a 20% em março de 2003. Em outubro daquele mesmo ano, veio o diagnóstico fatal: Robert desenvolvera mesotelioma pleural no lado esquerdo. Ele sabia que seus dias estavam contados. A partir de então, ele não viveu, apenas sobreviveu. Ele sabia o que ia acontecer-lhe, pois tinha visto outros colegas morrer...

O inferno então começou: quimioterapia, repetitivas pleuritis, drenagens cada vez mais frequentes. A partir de janeiro de 2005, meu marido passou a ter nódulos que precisavam de irradiação, radioterapia. Então, em abril de 2005, um novo exame e, um balde de água fria, o diagnóstico de câncer de pulmão no lado direito. Hospital novamente; ele teve um edema

nos membros inferiores e não podia mais andar. Para tentar curar este novo câncer ele recebeu quimioterapia pesada, a qual ele quase não suportou. Essa terapia atacou seu sistema nervoso; ele tremia, desmaiava, vomitava. Todo seu corpo doía: cabeça, barriga, pernas. Ele não podia sequer beber água; nós matávamos sua sede com pirulitos de gelo.

Em 1o de outubro de 2005, Robert faleceu. Se o inferno for um lugar virtual, posso dizer que meu marido viveu no inferno e sofrendo; e eu também durante aqueles últimos meses em que estive ao seu lado."

PARAY-LE-MONIAL. Maurice Papillon começou a trabalhar com 16 anos de idade e trabalhou 31 anos na planta da Eternit em Paray-Le-Monial. Ele morreu de mesotelioma em 1986, com 47 anos de idade. Sua esposa Jacqueline conta sua história:

"Vou começar do dia 15 de março de 1986... Já há algum tempo, meu marido vinha sentindo-se muito cansado, seu corpo doía e ele tinha perdido peso; esse foi o início de seu Calvário! Após consultar-se com um médico e realizar um exame de sangue, que naturalmente mostrou-se desastroso, ele foi hospitalizado para mais exames médicos, raios x, tomografias, etc. Primeiro diagnóstico: câncer de pulmão! O médico pediu-me para trazer o raio x mais recente da fábrica para comparação. Serei breve quanto à 'sociabilidade' da equipe médica da fábrica! Voltei só com a minha dor, já sabendo que meu marido estava gravemente doente. Então ao [Hospital] Léon Bérard para um exame completo; encontrei um professor que me disse 'Seu marido está cheio de pó de amianto, com cistos específicos do amianto, ele tem asbestose' (tudo isso foi dito oralmente, eu nunca recebi uma declaração por escrito); ele explicou-me o desastre que era esta doença.

Eu tinha 39 anos e nunca tinha ouvido sobre isso: o que era amianto e asbestose? Nossa vida nunca mais foi a mesma após aqueles dias, a queda pela doença, a angústia, o medo da morte, o sofrimento... nos meses finais, Maurice perdeu 35 quilos. Nem eu, nem meus filhos esqueceremos jamais a degradação física, a dor devastadora cada vez que tínhamos de cuidar dele, seus olhos, onde eu lia sofrimento e dor, porque ele sabia que estava morrendo. 'Com 47 anos de idade, é difícil partir' foram as únicas [palavras de] reclamação que ouvi de sua boca durante toda a doença. Ele não queria receber seus amigos: 'depois, quando eu melhorar.' [Ele queria] manter sua dignidade de homem. Ele faleceu em 5

de julho de 1986.

Perdi meu marido, meus filhos perderam seu pai, sua mãe perdeu seu filho único!

Fui ajudada por um médico, que recomendou-me pedir um reconhecimento de doença ocupacional. Eu fiz isso porque naquele momento tinha a raiva e a necessidade de saber a verdade que continuaria a me guiar. Em setembro de 1986, a previdência social exigiu uma autópsia, após o que as três faculdades de medicina de Dijon recusaram [meu pedido] porque afirmavam que ele morrera de um câncer digestivo. Fiquei furiosa; naquele tempo não havia uma associação para me ajudar. Apelei e, 2 anos depois, em 1988, uma nova faculdade encontra e declara a causa de doença ocupacional. Uma porta abriu-se, foi um tsunami em Vitry [a cidade perto da fábrica da Eternit].

Em 1995, a [filial] do CAPER de Paray-le-Monial foi criada e me afiliei, naturalmente; nossos advogados apresentaram nossos primeiros casos no Tribunal de Seguridade Social de Macon e a jurisprudência surgiu. A ‘falha indesculpável’ da Eternit foi

reconhecida; posteriormente, em 2001, o caso de meu marido foi finalmente finalizado com sucesso; ‘trabalhe para viver e não para morrer.’

Em minha luta estive sozinha, confusa, algumas vezes quis desistir; as pessoas apontavam os dedos para mim e me criticavam, inclusive um médico, pois de acordo com ele eu fazia aquilo pelo dinheiro; mas minha dor, minha tristeza, a dor de minha família, o que eles fizeram por isso?

Eu era uma dona de casa, com 3 filhos, estudos para pagar, deveres diários, quem se importava com isso? Eu permaneci firme, lutei, não tenho nenhum arrependimento e hoje minha luta continua para aqueles que hão de vir, pois o amianto continua a matar.”

Agosto de 2011

Bibliografia

Odette Hardy-Hemery: Eternit et l’amiante, aux sources du profit, une industrie du risque, Presses Universitaires du Septentrion, 2005.

Pós-escrito. Zoé Salard morreu em 1o novembro de 2011, um mês antes que o tribunal civil de Aix-en-Provence declarasse a Eternit culpada por expô-la ao amianto. O recurso contra a Eternit é o primeiro por exposição ambiental ou doméstica na França.



Marcha das viúvas do amianto em Dunkirk; abril de 2005; acompanhamento a marcha, estão Robert Wuilbeaux (extrema esquerda) e Mireille Wuilbeaux (jaqueta azul claro); do lado direito da foto (usando a faixa) está o Deputado Patrick Roy, que também foi prefeito de Denain.

16. FAMÍLIA BELGA VENCE PROCESSO HISTÓRICO CONTRA A ETERNIT

Yvonne Waterman¹

Introdução

Em 28 de novembro de 2011, após onze anos de litígio, o piloto belga Eric Jonckheere (52) e sua família ganharam um processo civil contra a Eternit, o quarto maior produtor de materiais de amianto do mundo. Em jogo estava a morte ilícita de Françoise Jonckheere (67), a mãe de Eric, que morreu de mesotelioma causado por exposição ao amianto através da roupa de trabalho contaminada de seu marido, ex-funcionário de uma fábrica da Eternit Belga, e também através da exposição ambiental devido à mesma fábrica. Junto, os reclamantes receberam a soma de €250.000 por danos financeiros e não financeiros, vigorando imediatamente. O veredito foi declarado de forma severa, e é considerado pioneiro na Bélgica, onde litígios de amianto não ocorriam anteriormente devido a restrições nas leis de seguridade social e responsabilidade. De acordo com a literatura oficial (Fundo do Amianto), mais de 200 belgas morrem de mesotelioma todos os anos; o grupo de vítimas da belga, a ABEVA, acredita que o número real é muito mais alto. A Eternit já anunciou que apelará contra o veredito, o que, considerando-se a atitude truculenta da empresa em litígios, não surpreende a ninguém.

Como o Caso Iniciou-se

Por muitos anos, a família Jonckheere viveu ao lado da fábrica da Eternit em Kapelle-op-den-Bos, onde Pierre Jonckheere fora empregado pela Eternit. O pai Pierre, a mãe Françoise, e seus filhos Eric, Pierre-Paul, Xavier, Stéphane e Benoit viveram e cresceram lá, em uma casa perto da fábrica e diretamente ao lado de duas áreas designadas para descarte de material de resíduo de amianto. Os filhos adoravam brincar lá com seus amigos, cujos pais também trabalhavam para a Eternit. O amianto era levado à fábrica em caminhões com capota aberta, cobrindo a área inteira com uma fina camada permanente de pó de amianto. Os primeiros sinais de alarme tocaram em 1977, quando o programa de televisão “Autant Savoir”, da RBTF TV, explicou nos mínimos detalhes os perigos do amianto aos espectadores. Após assistir o programa, o Sr. Jonckheere prontamente foi a seu supervisor e pediu esclarecimentos. Eric lembra-se das palavras de seu pai sobre o que aconteceu em seguida: “O supervisor juntou um pouco de pó de amianto em sua escrivania, o ergueu com seus dedos e engoliu o pó, com um sorriso. Ele disse: ‘com certeza eu não faria isso se fosse perigoso, não é verdade?’” E foi isso. Em 1986, Pierre Jonckheere começou a tossir e morreu seis meses depois.

No início de 2000, a mãe de Eric, Françoise - cofundadora do grupo de vítimas do amianto belga, a ABEVA - decidiu processar a Eternit por danos. No momento, ela mesmo estava já próximo à morte por mesotelioma. A Eternit ofereceu-lhe o costumeiro “dinheiro do silêncio”, aproximadamente €42.000, caso ela decidisse não litigar. Mas Françoise recusou-se e, em seu leito de morte, apenas alguns meses depois, encarregou seus cinco filhos de continuar o processo que ela tinha iniciado naquele ano para chamar a Eternit à responsabilidade. Em 2003 e 2009, respectivamente, os filhos Pierre-Paul e Stéphane também morreram de mesotelioma, ainda em seus anos 40. Suas viúvas e filhos receberam o direito de continuar o caso como herdeiros do processo e juntaram-se a seus cunhados e tios. Portanto, ao final das contas, o caso de Françoise Jonckheere continua em andamento, com seus filhos restantes, noras e netos.

A Eternit não parou a produção de materiais de amianto em Kapelle-op-den-Bos até 1998.

Eric explica a ansiedade que infestou a família após descobrirem que a exposição ao amianto poderia ser fatal:

“Minha mãe preocupava-se principalmente conosco, cinco crianças. ‘Eu lavava a roupa de meu marido, acariciava seu cabelo, beijava-o. Talvez tenha sido assim que inalei amianto. Mas e nossos filhos?’ Todos nós fizemos exames para verificar presença de amianto. Os resultados mostraram que todos nós estávamos repletos de amianto. Isso foi particularmente difícil de aceitar. Não ficamos surpresos com o fato de haver amianto em nossos corpos, mas pelas quantidades: tanto quanto alguém que tivesse trabalhado toda a sua vida na fábrica da Eternit.”

Compreensivelmente, uma pergunta agora nubla a felicidade diária de Eric e seus dois irmãos restantes: quem será o próximo?

Alguns Aspectos Legais

Não era possível ao pai Pierre pedir indenização da Eternit, posto que, de acordo com a Lei de Doenças Ocupacionais Belga, os empregadores são imunes a responsabilidade civil, exceto se for provado dolo do empregador quanto aos danos causados. Contudo, esta imunidade não se aplica a Françoise ou a seus filhos, posto que eles não

¹ Yvonne Waterman, Sc.D. LL.M., é profissional de prática legal independente na Holanda, especializada em responsabilidade de empregadores por acidentes ocupacionais e doenças (do amianto), e frequentemente apresenta discursos em conferências, palestras e publicações sobre o tema, além de ser editora do jornal jurídico ‘Letsel & Schade’ (Perdas e Danos). Em 2009, ela obteve um PhD por sua tese jurídica sobre a responsabilidade comparativa de empregadores. Yvonne Waterman pode ser contatada através de waterman@watermanlegal.nl.

eram empregados da Eternit - e eles, portanto, não estavam proibidos de processar a Eternit.

Em março de 2007, o governo belga criou o Fundo do Amianto. Isso dá a vítimas do amianto uma indenização rapidamente (variando de aproximadamente €1.500 por mês à vítima de mesotelioma, enquanto viva, a pagamentos únicos de aproximadamente €33.000 para seu cônjuge, €17.500 para ex-cônjuges e €27.600 para cada filho; e semelhantemente cerca de metade disto para vítimas de asbestose e placas pleurais). O Fundo é razoavelmente complacente quanto a como a doença foi contraída. Mas há um aspecto negativo: ao se cadastrar, as vítimas do amianto abandonam o direito de ir ao Tribunal contra o causador do delito. O Fundo do Amianto é financiado inteiramente por impostos pagos igualmente por todos os empregadores na Bélgica, subentendendo-se que a Eternit paga a este Fundo uma parcela não maior que qualquer outro empregador no país. A família Jonckheere não se cadastrou para benefícios de seguridade social relacionados ao Fundo do amianto, posto que isso teria negado-lhes o direito (individualmente) de ir ao Tribunal contra a Eternit. O montante de auxílios legais na Bélgica é pouco ou nulo: basicamente, é cada um por si. As taxas advocatícias são consideráveis e, portanto, são considerados barreiras muito práticas ao litígio. Isso explica até certo ponto porque nem as vítimas ocupacionais nem as vítimas ambientais processaram a Eternit anteriormente.

O Argumento dos Reclamantes

O advogado do reclamante, Sr. Jan Fermon, baseou o caso em dois argumentos principais: que a) a Eternit conhecia os perigos de saúde do amianto desde pelo menos 1964 e que b) a Eternit agiu com dolo ao não tomar medidas de segurança adequadas para proteger seus empregados, suas famílias e todos nos arredores de sua fábrica contra os perigos do amianto. Fermon disse:

“Nos anos 40, já se sabia que o amianto causava câncer e isso foi mencionado na Enciclopédia Britânica de 1952. A relação entre o amianto e o mesotelioma era conhecida desde 1952 e foi estabelecida irrefutavelmente em 1964. É completamente inverossímil que os diretores da Eternit não conheçam o problema.”

Ele apontou que a Eternit não só continuou usando e produzindo materiais de amianto perigosos, mas também fez ativamente lobby para reprimir qualquer banimento ou limitação:

“Para tanto, órgãos públicos e o próprio público foram enganados e pressão foi exercida sobre sindicatos trabalhistas e políticos. Ainda em 1978, a Eternit recusava-se a incluir

rótulos de alerta em seus produtos.”

O Argumento da Defesa

O advogado de defesa, Sr. Johan Verbist, também baseou-se em dois principais argumentos para a defesa: que a) o caso estava limitado (“expirado”) e por isso deveria ser rejeitado sem necessidade de análise do caso e que b) não havia causa, posto que a Eternit nunca agiu com dolo contra Françoise Jonckheere e portanto não tinha o dever de remunerar nenhum dos reclamantes. Para sustentar isso, Verbist disse:

“O CEO anterior da Eternit NV e o médico de empresa também morreram de mesotelioma. Essas pessoas jamais teriam trabalhado com amianto se conhecessem o risco envolvido.”
Também: “Mesotelioma não foi na verdade [oficialmente] reconhecido como doença ocupacional antes de 1982.”

Ele explicou que os perigos do amianto de fato não eram claros o suficiente no momento da exposição, como os reclamantes acreditavam, e que medidas de segurança na verdade foram sim tomadas: “No início, pressumia-se que os riscos à saúde estavam relacionados à exposição direta e, portanto, ao longo dos anos, o processo de produção foi ajustado compreensivamente.”

Apresentando seu argumento no último dia do julgamento, o Sr. Verbist estava confiante de que o pedido seria completamente recusado. Ele declarou que a empresa entristecia-se com o fato de que pessoas ficaram doentes, mas era certo que nenhum ato da Eternit causara isso.

A Análise do Juiz

Em um veredicto de 48 páginas, o Juiz Thiery, do Tribunal de Distrito de Bruxelas, examinou extensivamente todos os argumentos e, com uma linguagem incomumente afiada para um juiz, negou todos os argumentos da Eternit, um por um. Considerando que a exposição ambiental ao amianto continuara por muitas décadas, até próximo ao fim da vida de Françoise Jonckheere, e que os danos ambientais nos arredores da fábrica da Eternit e de sua casa eram extensivos e ainda existentes (conforme implicitamente admitido), ele negou o argumento do réu de que o pedido estava limitado, permitindo assim que o caso fosse considerado completamente. Ele também considerou incorreto o segundo argumento principal de que a Eternit não conhecia os perigos de saúde do amianto até os anos 70 e não poderia, portanto, ser culpada de não ter tomado as medidas de segurança até então, indicando que após os anos 70, o nível de medidas de segurança era também miseravelmente e intoleravelmente baixo:

“No mais tardar, a relação entre o amianto e o mesotelioma era conhecida em 1967, mas a Eternit sempre minimizou as consequências negativas e encoberto a verdade. O cinismo com o qual a empresa preferiu buscar o lucro acima da saúde pública é inacreditável e ela fez todos os esforços possíveis para continuar a produção da substância extremamente venenosa, sem dar a mínima para as pessoas que trabalhavam com ela.”

O fato que a Eternit, talvez, não tenha agido diferentemente ou pior que outras empresas do amianto na época não era desculpa: a Eternit deveria ser julgado de acordo com seus próprios méritos. Foi feito muito caso de uma carta datada de 14 de abril de 1950, dirigida à SAIAC Suíça AS, na qual a filial belga da Eternit claramente afirmou conhecer os perigos do amianto à saúde e a necessidade de medidas de segurança. Similarmente, o Juiz Thiery considerou o papel da Eternit como parte de um vasto conglomerado global, no qual o conhecimento científico havia sido compartilhado por muitas décadas; diretores da Eternit e outros relacionados estiveram presentes na famosa Primeira Conferência do Amianto em Nova Iorque, em 1964.

Criticando severamente os esforços de lobbying da Eternit, o Juiz declarou:

“Foi suficientemente provado que a Eternit teve sua própria participação na forma injusta em que esforços foram feitos para depreciar os perigos do amianto à saúde e encobrir os fatos e combater medidas legislativas para a proteção da saúde pública, mesmo sabendo-se que no momento que [a Eternit] desenvolvia tais atividades, [ela] sabia com certeza que a exposição ao amianto implicava risco grave de desenvolvimento de doenças, como asbestose, câncer de pulmão e mesotelioma.”

O juiz Thiery considerou que a Eternit deveria ter tomado providências para a segurança de seus empregados e suas desde pelo menos 1965. Ele repreendeu a firma por ter pouco a apresentar quanto a isso, exceto algumas folhas de documentos não verificados e não certificados que detalham custos financeiros de medidas de segurança claramente inadequadas quando “*medidas de segurança bastante drásticas*” eram necessárias:

“O ato ilícito da Eternit, que causou a doença e a morte de [Françoise Jonckheere], foi amplamente demonstrado. [...] Corretamente, os reclamantes afirmam que a Eternit

expôs [Françoise Jonckheere] e outros membros de sua família a uma substância extremamente tóxica, que causa câncer, com negligência grave e completo conhecimento.”

Passando à questão da indenização (com a ênfase em danos não financeiros), o juiz refletiu na importância de que as vítimas recebessem reconhecimento:

“posto que foi demonstrado no presente processo ser claramente o caso conforme indicado pelo enorme comparecimento no tribunal. A indenização a ser concedida pode servir então servir como expressão desse reconhecimento e pode possivelmente servir como pequena contribuição às vítimas para que elas possam ter paz de espírito, mesmo que parcialmente.”

Em seguida, ele sentenciou que, posto que a poluição por amianto é um problema internacional, os valores de indenizações em outros países da União Europeia, geralmente considerados mais altos que os da Bélgica, deveriam ser considerados, mesmo tendo tais países sistemas judiciais diferentes. O juiz Thiery admitiu que a Bélgica não reconhecia indenizações punitivas (um assunto normalmente quase imencionável em um país bastante adverso a “Americanismos”). Contudo, a atitude da Eternit seguramente aumentou a medida do sofrimento de Françoise Jonckheere e dos membros de sua família e este aumento deve ser compensado concretamente e apropriadamente.

O Veredicto e Resultado

Os reclamantes receberam, conjuntamente, a soma de €250.000 por danos, a serem pagos imediatamente, independente se Eternit apelará ou não. A soma foi explicada como “5x €50.000”, o que, pode-se inferir, significaria €50.000 para cada um dos cinco irmãos ou para sua viúva e filhos em seu lugar, explicitamente por danos financeiros e não financeiros. Em comparação com indenizações semelhantes em outros países, realmente é pouco: quase €500.000 por danos não financeiros tem sido concedido na Itália, €150.000 na França. Nos Países Baixos, aproximadamente €57.000 só por danos não financeiros é o comum; e este último país está normalmente entre os últimos países europeus no que diz respeito a danos não financeiros. Considerando-se que o Juiz (de acordo com as normas da lei belga) concedeu um valor de apenas €7.700 a serem pagos pela Eternit aos reclamantes pela incorrência de taxas legais, quando certamente onze anos de litígio devem ter-lhes custado um valor várias vezes maior, a indenização parece menor ainda.

Na audiência do veredicto, um Eric Jonckheere disse, em estase, à multidão de repórteres que

“por um momento, meus pais e meus irmãos estiveram ao meu lado novamente.” Ele retratou o caso como o de uma pequena família indo contra um gigante industrial global.

O Sr. Fermon estava feliz por dizer ao mundo que:

“Um juiz imparcial deu um veredicto claro sobre a forma que uma indústria destruiu milhares de vidas em busca de dinheiro. Espero que isso represente o início de um período no qual o poluidor pagará de fato e os custos deste desastre que ele causou não serão mais deslocados à sociedade.”

O veredicto criou uma reviravolta na política belga; políticos já estão discutindo se e como melhorar os benefícios sociais para vítimas do amianto, prolongar o período de prescrição, formas de fazer com que os poluidores de amianto

paguem, etc. Se outras vítimas belgas seguirão Eric Jonckheere no tribunal, e que valor o veredicto terá como precedente aos olhos de outros juizes belgas, ainda não é conhecido. Meso assim, é relativamente seguro afirmar que o fim dessa história não será contado tão cedo.

Podemos também imaginar qual será o impacto deste veredicto em outros lugares, posto que a Eternit é de fato, como o Juiz Thiery refletiu, um vasto conglomerado mundial; e se as evidências provarem que as pessoas no topo da hierarquia deste conglomerado estavam cientes dos riscos de saúde do amianto desde cedo, isso poderá ter até mesmo repercussões de responsabilidade consideráveis em tribunais de outros países, mesmo em outros continentes.

Dezembro de 2011

NB: Todas as traduções inclusas neste artigo [ao inglês] foram feitas pelo autor.



Uma visão aérea da fábrica da Eternit em Kapelle-op-den-Bos, na década de 1970. No primeiro plano, a casa da fazenda de Jonckheere pode ser vista (teto vermelho, paredes brancas).



A Imprensa belga registra a vitória histórica no tribunal.

17. A ETERNIT NA DINAMARCA 1928-1986

Kurt Jacobsen¹

Em 1986, a Dinamarca banuiu todo uso de amianto, inclusive a produção de cimento de amianto. A decisão deu-se após vários processos de funcionários que recusaram-se a trabalhar com cimento de amianto e a abertura de um dramático caso judicial no qual 36 funcionários processaram a empresa da Eternit na Dinamarca, a Dansk Eternit-Fabrik A/S (doravante mencionada como Dansk Eternit), exigindo indenização econômica por doenças relacionadas ao trabalho causadas pelo uso de amianto na produção de cimento de amianto.

O amianto era usado na Dinamarca desde 1899 para isolamento de tubos de água quente e, em 1928, a produção de cimento de amianto foi iniciada. Um pouco depois, a Autoridade de Ambiente de Trabalho da Dinamarca, DWEA, percebeu os perigos de saúde causados pelo amianto. Após a Segunda Guerra Mundial, médicos dinamarqueses, assim como a DWEA, tinha conhecimento pleno da pesquisa internacional em asbestose e outras doenças relacionadas ao amianto e exames médicos regulares de funcionários da Eternit Dinamarquesa documentavam, além de qualquer dúvida, que muitos deles sofriam asbestose. Ainda assim, foi somente no início da década de 1970 que as autoridades começaram a prescrever medidas de proteção eficazes para funcionários, e foi preciso ainda outros 15 anos até que o banimento ocorresse.

A Eternit Dinamarquesa foi fundada em Aalborg em dezembro de 1927 e a produção de folhas de cimento de amianto, principalmente para telhados, dói iniciada em abril de 1928. Os fundadores da nova empresa era a empresa dinamarquesa líder em construção e cimento, a F.L. Smidth & Co. Ltd,

e um grupo de subsidiárias suas, todas na indústria de cimento. A própria empresa matriz tinha 40 por cento do capital social [1]. Apesar de subseqüentes mudanças de propriedade formal ao longo dos anos, a Eternit Dinamarca permaneceu sob o controle completo da F.L. Smidth. Ela também continua a ser o único fabricante de fibrocimento na Dinamarca.

No início, a produção era muito modesta, com apenas uma linha de produção; mas ela cresceu muito rapidamente, como refletido nas importações de amianto. Em 1928, a empresa importou 17.000 kg de amianto bruto; isso aumentou para 33.000 kg no ano seguinte e em 1933 chegou a 260.000 kg, na maior parte vindo da Rússia, Canadá e Rodésia [2].

Em 1935, as instalações de produção foram expandidas com uma segunda linha de produção, e no mesmo ano a importação de amianto chegou a 680.000 kg, a maior parte vinda da mina de Amiandos, em Chipre, que se tornou o principal fornecedor da empresa nos próximos 50 anos (em 1936, a F.L. Smidth comprou a mina através de uma subsidiária inglesa e Amiandos permaneceu sob controle completo da empresa até que fosse vendida em 1986). Uma terceira linha foi aberta em 1937, e um pouco depois, uma nova linha de produção de tubos de pressão de cimento de de amianto para distribuição de água e descarga de esgoto foi introduzida. Em 1938, a produção de folhas de cimento de amianto excedeu a capacidade do mercado dinamarquês, portanto a empresa começou a exportar. Ela teve grande sucesso neste sentido, e as importações de amianto bruto conseqüentemente cresceram [3],



Funcionários da Eternit Dinamarquesa em 1929 (fotografia: desconhecida; foto: Aalborg Stadsarkiv).

¹ Kurt Jacobsen: Professor de História Comercial no Centro de História Comercial, Faculdade de Negócio de Copenhague; e-mail: kj.lpf@cbs.dk

Por coincidência, a fabricação de cimento de amianto na Dinamarca começou no mesmo ano que o Conselho Britânico de Proteção do Trabalhador começou sua análise de funcionários na indústria têxtil de amianto do Reino Unido. Este exame seguiria documentando os perigos do pó de amianto à saúde [4].

Os resultados do relatório, publicados em 1930, eram conhecidos à DWEA. Assim como a legislação britânica resultante para o amianto em 1931, que prescreveu medidas de proteção específicas contra o pó de amianto e reconheceu a asbestose como uma doença ocupacional. Contudo, apenas em 1934 a DWEA emitiu pela primeira vez um alerta contra os perigos de saúde causados pelo amianto. Em uma nota interna, foi pedido que os inspetores de fábrica tivessem atenção especial quanto ao uso de amianto por certas empresas para que os funcionários envolvidos pudessem ser examinados: “É um fato bem conhecido que o pó de amianto pode causar dano aos pulmões semelhantes à silicose.” Mencionava-se especificamente que o amianto era usado na produção de cimento de amianto. Em seu relatório anual para 1934, a DWEA também emitiu um alerta contra os perigos do amianto relacionados a silicose [5].

Em 1938, a silicose foi reconhecida como uma doença ocupacional relacionada à produção de amianto, mas foi só em 1941 que os médicos da DWEA começaram a usar o termo “asbestose” para diferenciar a doença da silicose. Foi observado que a asbestose era mais difícil de diagnosticar em raios x que a silicose e que a doença tinha um “curso bastante rápido e mortal.” Além disso, foi mencionado que a exposição ao amianto “parece predispor o desenvolvimento de câncer de pulmão.” [6]

Em 1937, o inspetor de fábrica local emitiu a primeira recomendação à Eternit Dinamarca sobre melhorar a ventilação em uma parte específica da instalação de produção. Na mesma ocasião, o inspetor recomendou que os funcionários de amianto diretamente afetados pelo pó de amianto deveriam fazer um raio-x de pulmão e ser examinados por médicos. Os exames de raio-x foram realizados em 1938 no hospital público local, mas organizados e pagaram pela empresa. Isso deixou os médicos da DWEA bastante céticos - especialmente posto que eles recebiam os resultados através da gestão da empresa. Os médicos exigiram que os funcionários afetados no futuro fizessem raio-x e fossem examinados anualmente pelos próprios especialistas da DWEA, sem interferência da Eternit Dinamarquesa, o que a empresa aceitou.

Em março de 1940, os 21 primeiros funcionários, com períodos de contratação variando de um a 12 anos, passaram por raio-x. O relatório médico de 7 de abril de 1940 declarava que quatro funcionários

pareciam ter asbestose “em um estágio inicial,” enquanto quatro tinha sintomas “duvidosos”. Treze funcionários estavam definitivamente sem sintomas. A conclusão foi que “há um perigo de amianto manifesto na Empresa Eternit,” e recomendou-se que precauções imediatas fossem tomadas “para combater o perigo do pó” e que o Médico Chefe da DWEA realizasse uma inspeção das premissas da Eternit Dinamarquesa [7].

Nada resultou disso, contudo; em 9 de abril, a Dinamarca foi ocupada pelas forças alemãs, e durante os cinco anos seguintes, a Eternit Dinamarquesa não pôde receber os suprimentos de amianto bruto. As precauções tornaram-se supérfluas posto que a empresa, baseada em uma patente alemã, desenvolveu um fibrocimento sem amianto, chamado Cembrit, usando fibras de celulose que, de acordo com a empresa, tinham quase as mesmas “magníficas qualidades” que o produto com base no amianto [8].

Não obstante, o uso do amianto foi retomado após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e em 15 de fevereiro de 1947, a DWEA emitiu sua primeira prescrição obrigatória à Eternit Dinamarquesa, ordenando que os funcionários usassem “incondicionalmente” máscaras contra poeira ao trabalhar com amianto seco. Na mesma carta, a empresa foi incitada a desenvolver “métodos para o manuseio e transporte do amianto sem liberação de pó.” [9] Em sua resposta, de 19 de fevereiro de 1947, a empresa disse que, embora os exames de raio-x dos funcionários não tivessem mostrado efeitos de saúde relacionados ao amianto, ela obteria o número necessário de máscaras contra poeira. A sugestão de desenvolver métodos de transporte e manuseio sem liberação de pó não foi observada [10].

Os anos pós-guerra mostraram um crescimento notável da Eternit Dinamarquesa. A expansão da produção continuou firmemente ao longo da década de 1950, tendo a fabricação de folhas de cimento de amianto como o produto principal. Por conseguinte, a importação e o uso de amianto bruto aumentaram para aproximadamente 10.000 tons [11].

Os médicos da DWEA novamente ficaram preocupados; três registros de pó em 1949, 1957 e 1958 mostraram concentrações alarmantemente altas de pó de amianto - até 26 vezes os valores limite americanos que a DWEA conhecia - mas nenhuma ação foi tomada apesar da recomendações dos médicos [12]. No geral, nenhuma nova prescrição foi emitida para os 20 próximos anos, exceto que a DWEA em 1960 “seriamente” solicitou à Eternit Dinamarquesa que reagisse “positivamente” à sua recomendação de desenvolver métodos de transporte e manuseio sem liberação de pó. Na mesma ocasião, e com poderes maiores, a Eternit Dinamarquesa foi avisada de que recebia um

“ultimato” para que as máscaras contra poeira obtidas fossem de fato usadas [13].

Essa atitude mais rígida, embora articulada somente em uma ocasião, resultou do fato de uma inspeção revelar que apenas 7 funcionários, dentre 45, usavam máscaras contra poeira. Ainda mais grave: de 63 funcionários que passaram por raio-x, 10 receberam diagnóstico de asbestose “evidente” e cinco de “suspeita”, o que significava asbestose incipiente. Isso significava que quase 25 por cento sofriam a doença mortal [14].

Desde meados da década de 1950, os números de funcionários com asbestose na Eternit Dinamarca vinha lentamente, mas constantemente aumentando; mas em 1960 chegou ao ponto máximo, uma consequência do longo período de incubação da doença, e nos anos seguintes os números estabilizaram-se [15]. Os funcionários, contudo, não foram informados - ou pelo menos somente alguns deles - o público também não. Em 1960, quase todos os funcionários foram informados de que tinham saúde perfeita, e na seção relevante do relatório anual da DWEA sobre doenças de pulmão causadas por pó, apenas um funcionário de isolamento, que tinha desenvolvido asbestose, foi mencionado. Neste sentido, o ano de 1960 também marcou o ápice de 40 anos de supressão e falsidade [16].

Diferentemente dos funcionários afetados e do público, evidentemente a gestão da Eternit Dinamarca foi completamente informada sobre os resultados dos exames de raio-x e dos “perigos à saúde na Eternit Dinamarca.” [17] Sua estratégia de proteger a saúde dos funcionários afetados envolvia transferi-los a trabalhos onde não eram diretamente expostos ao pó de amianto. Isso significava que a gestão tinha um conhecimento detalhado dos perigos da asbestose ao longo de todos esses anos, mas apenas algumas poucas precauções foram de fato tomadas para proteger os funcionários e mesmo assim somente após recomendações e ordens da DWEA.

Um motivo dado para não informar os funcionários afetados era evitar “ansiedade”, como afirmou um pneumologista local por escrito ao Médico Chefe da DWEA em 1948 [18]. Além disso, os médicos da DWEA viajaram de Copenhague a Aalborg várias vezes para tranquilizar e evitar distúrbio entre os funcionários. Ao mesmo tempo, contudo, eles escreviam artigos em jornais de medicina e livros sobre os perigos mortais da exposição ao amianto. Em consequente deste outro aspecto de seu trabalho, a asbestose foi reconhecida como uma doença ocupacional específica em 1954.

Problemas mais particulares surgiram quando os funcionários perguntavam porque haviam sido transferidos para outro trabalho, embora lhes tivesse sido dito que não estavam doentes: “Houve

um pouco de agitação quando foi sugerido à gestão que alguns funcionários fossem transferidos de trabalhos com pó para trabalhos sem pó,” informaram dois médicos à DWEA em 1955 [19].

Como resultado da supressão de informações e da falsidade, a maior parte dos casos asbestose não foi informada ao Diretório do Seguro de Acidentes. Se acordo com a legislação dinamarquesa, era obrigação da empresa reportar doenças ocupacionais, e os médicos também tinham uma obrigação de reportar. Contudo, somente duas doenças de pulmão relacionadas ao trabalho foram reportadas antes de 1962, e nos anos seguintes o número permaneceu muito abaixo dos incidentes apurados. Para muitos dos funcionários atingidos, isso significou que eles - ou seus parentes sobreviventes - foram impedidos de receber a indenização financeira à qual tinha direito, de acordo com a lei.

1960 foi também o ano em que foi definitivamente documentado que o amianto causava mesotelioma, e em 1968 a DWEA e a gestão e o conselho da Eternit Dinamarca foram informados que uma fibra de amianto poderia ser suficiente para causar a doença [20]. Isso, contudo, não levou a uma maior preocupação quanto à produção de cimento de amianto em Aalborg. Com o boom da economia na década de 1960 e a ascensão do bem-estar social dinamarquês, a Eternit Dinamarca, pelo contrário, experimentou um crescimento quase explosivo e inquestionável, com a abertura de cinco novas linhas de produção de folha de amianto e um aumento do número de funcionários para 2.000. As importações anuais de amianto da empresa aumentaram de aproximadamente 15.000 tons em 1960 a um nível estabilizado de aproximadamente 25.000 tons de 1970 em diante. Em 1970, a DWEA emitiu um regulamento para trabalho com amianto com a prescrição de usar máscaras para poeira etc., mas nenhum progresso foi feito, contudo, para a proteção dos funcionários da Eternit Dinamarca contra os perigos do amianto até que os próprios funcionários começassem a agir.

Em 1969, o Sindicato dos Funcionário de Cimento em Aalborg providenciou cobertura de seguro de vida de grupo a seus membros. Isso deu ao sindicato acesso a todas as informações de saúde dos funcionários de amianto, através do que eles descobriram que 75 de seus colegas em 1969-1972 tiveram aposentadoria antecipada devido a doenças de pulmão, e que 10 deles morreram pouco depois [21].

Em 1973, o sindicato tomou medidas reportando coletivamente 81 funcionários do amianto ao Diretório de Seguro de Acidentes de Trabalho. Foi um evento extraordinário - e mais ainda pelo fato de que todos os casos foram aceitos, 23 com asbestose confirmada [22]. Um “comitê do amianto”, com representantes dos funcionários



A fábrica da Eternit Dinamarca, 1971 (fotógrafo: Clausens; foto: Nordjyllands Historiske Museum).

e da gestão, foi criado na Eternit Dinamarca, e a DWEA tornou-se mais rígida, com registros anuais de pó e uma onda de prescrições por toda a década de 1970. Este foi o início de uma luta constante entre a DWEA e os funcionários, de um lado, e a empresa, do outro, quanto à implementação das numerosas prescrições e recomendações da DWEA.

Mas outros grupos de funcionários tomavam iniciativas. Exames anuais de raio-x desde 1952 revelavam uma alta incidência de asbestose entre funcionários de isolamento em Copenhague; isso levou ao reconhecimento em 1954 da asbestose como uma doença ocupacional. Então os funcionários de isolamento, apoiados por funcionários de estaleiros, reivindicaram o banimento do uso do amianto no isolamento; a indústria concordou, pois era possível substituir o amianto por outros materiais. Na reunião decisiva de 2 de novembro de 1971, a Eternit Dinamarca participou como observadora e protestou firmemente contra um banimento “com medo de que o próximo passo fosse um banimento contra o uso do amianto em eternit [cimento de amianto].” [23]

A empresa não podia, contudo, evitar um “banimento do uso de amianto em certas formas de isolamento,” o que foi emitido em 14 de janeiro de 1972. O banimento incluía o uso de amianto materiais de isolamento de calor, ruídos e umidade. Em uma circular suplementar, a DWEA anunciou que nenhuma decisão havia sido tomada quanto a produtos rígidos de construção contendo amianto, tampouco para revestimentos de pastilhas de freio [24]. Na Eternit Dinamarca, a fabricação de folhas de cimento de amianto poderia continuar, mas o

tempo estava acabando.

Em 1978, dois estudos médicos de câncer e doenças pulmonares entre os funcionários da Eternit Dinamarca foram publicados. Um deles, realizado pelo Registro Dinamarquês de Câncer, incluía 6.094 funcionários durante o período de 1943 a 1972. O outro incluía 189 ex-funcionários da empresa (1928-75) que haviam morrido após 1951. Entre as conclusões da DWEA acerca dos dois estudos, estava a de que ambos “documentavam uma frequência excessiva de câncer de pulmão. Dois incidentes de mesotelioma foram documentados.” [25]

Entre o público, assim como entre os políticos, a exigência do banimento total de todo uso de amianto surgiu, e em 13 de novembro de 1979, ela finalmente chegou. Com uma proclamação do Ministério do Trabalho, toda importação, fabricação e uso de amianto foi banida a partir de 1o de janeiro de 1980. O banimento foi modificado, contudo, por duas importantes exceções, a saber, o uso de amianto até 1985 em certos produtos de amianto, principalmente produtos de cimento de amianto, e “até novo aviso” na produção de pastilhas de freio: “Nestes dois campos, os quais têm uma importância socioeconômica essencial... os substitutos adequados ainda não foram desenvolvidos,” foi explicado. Como a fabricação de cimento de amianto na Eternit Dinamarquesa representava 90% de toda a importação e uso de amianto, o efeito do banimento foi limitado [26].

Em 1984, a Eternit Dinamarquesa solicitou prorrogação da isenção até 1990, o que foi recebido com protestos dos funcionários e de seu sindicato

- mas com pouco sucesso. O prolongamento foi concedido em fevereiro de 1984, mas ao mesmo tempo os trabalhadores de construção começaram a recusar trabalhar com amianto, e em escolas e creches, os empregados, assim como os pais, protestavam contra a presença de amianto no ambiente interno. As exigências públicas e políticas de um banimento eficaz cresceram, e a pressão aumentou quando 36 funcionários e viúvas da Eternit Dinamarca, com o suporte do sindicato, processaram a Eternit Dinamarca exigindo indenização financeira por suas perdas, em 6 de março de 1986.

Dois meses após, em 28 de maio de 1986, o parlamento dinamarquês aprovou a decisão final de um plano de ação para uma Dinamarca sem amianto. Como consequência, no dia seguinte a Eternit Dinamarquesa recebeu a ordem de interromper toda a produção de fibrocimento contendo amianto até o final do ano. A isenção do uso de amianto em pastilhas de freio não foi afetada, mas alguns anos depois isso também foi abandonado.

Enquanto isso, o processo seguia, e em 14 de setembro de 1988, a Eternit Dinamarca foi considerada como violando várias disposições da Lei Dinamarquesa de Proteção do Trabalhador e condenada a indenização financeira a 24 funcionários e viúvas da Eternit Dinamarca. A Empresa apelou ao Supremo Tribunal com o seguinte argumento do presidente do conselho, Christian Kjaer, que é o neto do principal proprietário e diretor-gerente da F.L. Smidth & Co. Ltd, que, por sua vez, estava por trás da Eternit Dinamarca: “Não achamos que estamos tentando fugir de algo, mas ninguém no mundo nos avisou que o produto causava doenças.” Questionado se ele acreditava que a empresa venceria no Supremo Tribunal, ele respondeu: “Espero que sim. Caso contrário, temo que cheguemos a uma situação como nos EUA, onde várias empresas fecham todos os anos para evitar pedidos de indenização.” [27]

Em 27 de outubro, o Supremo tribunal considerou a Eternit Dinamarca culpada. Havia acabado - pelo menos no que se referia ao uso de amianto na Dinamarca. As consequências de saúde, contudo, permaneceram. Um estudo médico de 8.588 funcionários da Eternit Dinamarca, realizado pelo Registro de Câncer dinamarquês em 1985, revelou que 580 sofreram de câncer, dos quais 10 tinha contraído mesotelioma - um percentual significativo. Adicione a isso o número desconhecido de funcionários que tiveram asbestose. O grupo incluía todos os tipos de trabalhadores da Eternit Dinamarca, não apenas os que foram diretamente expostos ao amianto, mas colaboradores excluídos, como equipe de limpeza, artífices e outros que trabalharam na planta, mas empregados por outras empresas [28].

Na apresentação do estudo, o médico chefe da DWEA declarou que não era o fim, mas que é de se esperar que o amianto continuaria a causar câncer até pelo menos 2000. Contudo, o histórico do uso de amianto mostrou consequências de alcance ainda maior: no momento, há aproximadamente 100 novos casos de mesotelioma na Dinamarca todos os anos, e espera-se um aumento desse número até 2015, quando espera-se que ele diminua [29].

A Eternit Dinamarca, agora no mercado como Cembrit Ltd [30] ainda existe como uma próspera empresa e um forte protagonista internacional na indústria de fibrocimento (sem amianto). A F.I Smidth & Co. Ltd. também existe como uma empresa próspera e é um protagonista global da indústria de construção, instalando fábricas de cimento em todo o mundo [31].

A minha de Amiandos, no Chipre, foi vendida em 1986 ao Bispo de Limassol, mas em 1988 foi fechada. Restou uma enorme cicatriz nas Montanhas Trodos e um número desconhecido de vítimas que sofreram - e sofrem - e morreram de todo tipo de doença relacionada ao amianto, inclusive Mesotelioma.

Abril de 2011

Referências

1. *Cashbook 1928-1929*, Dansk Eternit-Fabrik A/S, Aalborg Stadsarkiv.
2. *General Balance book 1928-1933*, Dansk EternitFabrik A/S, Aalborg Stadsarkiv,
3. *Ibid.* 1935. Infelizmente, os livros e os registros da empresa estão longe de serem completos. Portanto, não há números para as importações de amianto após 1935, mas eles indubitavelmente continuaram a crescer até a erupção da Segunda Guerra.
4. *Merewether & Price: Report on the effects of Asbestos Dust in the Lungs and Dust Suppression in the Asbestos Industry*, H.M. Stationery Office, London 1930.
5. DWEA: *Message n. 35/1934*. DWEA: Relatório Anual 1934.
6. DWEA: *Relatório Anual 1939-41*.
7. Poul Bonnevie to DWEA, April 4, 1940. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virk- somhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.
8. FLS-NYT. Special issue 1944.
9. DWEA, Divisão de Aalborg, à Dansk Eternit, 15 de Fevereiro, 1947. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.
10. Dansk Eternit à DWEA, Divisão de Aalborg, 19, 1947. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
11. Susi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 101.

12. Ibid., p. 111. Mads Biilow: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 69.
13. Inspetor de fábrica K. Hunderup Jensen à Dansk Eternit-Fabrik, 9 de maio de 1960. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
14. Mads Bülow: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 65.
15. Dos relatórios médicos à DWEA, analisados em *Under Anklage, En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre*, p. 48-49 e Sussi Handberg: *Det Kriminelle tidsrum*, p. 114..
16. DWEA: Relatório anual de 1960. Que os funcionários não foram informados aparece nos relatórios dos médicos da DWEA que fizeram os exames de raio-x e em entrevistas com alguns dos funcionários afetados: Hans Bulow: *Under anklage. No journalistisk dokumentation om asbesten og habita em toca ofre*.
17. Inspetor de fábrica K. Hunderup Jensen à Eternit Dinamarca-Fabrik, 9 de maio de 1960. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
18. Karsten Isager til Poul Bonnevie, January 1, 1948. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, lobenummer 2002/331-349.
19. Jorgen Frost and Aage Grut: *Report nr. 347 of December 17, 1956 to DWEA*. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, labenummer 2002/331-349.
20. William Johnsen: *Nota para o conselho 30 de abril de 1968*. Aage Grut: *Relatório da DWEA de 11 junho de 1968*. Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Eternit. AT-01, labenummer 2002/331-349. Os relatórios foram escritos após William Johnsen, que era diretor técnico da Eternit Dinamarquesa, e Aage Grut participaram juntos do 2o Congresso Internacional sobre os Efeitos Biológicos do Amianto, Dresden 22-25 de abril de 1968.
21. Peter Backe-Damgård (Ed.): *Arbejdspladsen Danmark*.
22. Henrik Nielsen e Per Gregersen: *Erhvervs sygdomme anmeldt til Direktoratet for Ulykkeforsikringen 1961-70*. "Ugeskrift for Laeger 1978, p. 1573-79".
23. Cited from Susi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 26-27. A história da luta dos trabalhadores de isolamento contra o amianto é contada em: *Isolering-med livet som indsats – om 5 års erfaring med arbejds-skader*, publicado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Isolamento.
24. Proclamação de banimento contra o uso de amianto em certas formas de isolamento.

- Ministério do Trabalho, 14 de janeiro de 1972.
25. Citado de Sussi Handberg: *Det kriminelle tidsrum*, p. 154.
26. Proclamação acerca do uso de amianto etc., Ministério do trabalho, 13 de novembro de 1979. Impresso em DWEA: *Relatório Anual 1972*.
27. Berlingske Tidende, 26 de novembro de 1988.
28. Edith Rafih et al: *Kraftrisiko og dodelighed blandt ansatte pa dansk asbestcementfabrik*.
29. Asbestose og kraeft i lungehinderne, Danmark 1977-2005. Klinisk Epidemiologisk Afdeling, Århus Universitetshospital 2008. Rapport nr. 40.
30. <http://www.cembrit.com/>
31. <http://www.flsmidth.com/>

Bibliografia

- *Asbestose og krceft i lungehinderne, Danmark 1977-2005*. Klinisk Epidemiologisk Afdeling, Århus Universitetshospital 2008. Rapport nr. 40. Backe-Damgård, Peter (Ed.): *Arbejdspladsen Danmark* (Branner og Korch, 1978) Berlingske Tidende, November 16, 1988. Bülow, Hans: *Under anklage. En journalistisk dokumentation om asbesten og dens ofre* (Tideme skifter, 1989)
- Danish Working Environment Authority: *Relatórios Anuais*.
- FLS-NYT. Edição especial 1944. Handberg, Susi: *Det kriminelle Tidsrum* (Cementarbejdemes fagforening, 1990) *Isolering - med livet som indsats - om 5 års erfaringer med arbejdsskader* (Isoleringsarbej- demes Fagforening 1988). Merewether & Price: *Report of the Asbestos Dust in Lungs and Dust Suppression in Asbestos Industry*. H.M. Stationery Office, London, 1930. Nielsen, Henrik and Gregersen, Per: *Erhvervs sygdomme anmeldt til Direktoratet for Ulykkefor- sikringen 1961-70*. "Ugeskrift for Laeger 1978, p. 1573-79".
- Rafii, Edith et al: *Krceftisiko og dodelighed blandt ansatte på en dansk asbestcementfabrik* (Cancerregisteret, Institut for Cancer Epidemiologi under Kraeftens Bekaempelse, 1987. *Report on the Health Effects of the Asbestos Mines on the Population of the Neighbouring Communities*. Preparado para o Ministério da Saúde de Chipre, por Leonidou Associates junto com o Institute of Cancer Research, UK, Abril de 2005.

Fontes de Arquivos

- Aalborg Stadsarkiv: Dansk Eternit-Fabrik A/S papers.
- Landsarkivet for Norrejylland: Arbejdstilsynets virksomhedssag vedrerende Dansk Etemit. AT-01, lobenummer 2002/331 -349.

18. ATIVIDADE DA ETERNIT E VÍTIMAS EMERGENTES: O CASO JAPONÊS

Takehiko Murayama e Satomi Ushijima¹

A Evolução da Eternit Japão

O histórico da Eternit no Japão remonta ao início da década de 1930. A Tokyo Gas Company comprou os direitos de vender tubos de cimento de amianto (CA) e produtos relacionados da Eternit Italiana por um pagamento inicial de 650 mil ienes (equivalente a aproximadamente 5 milhões de euros hoje). Isso levou à fundação em Tóquio (em fevereiro de 1931) da “Japan Eternit Pipe Company” (neste artigo: “Eternit Japão”) que começou a vender os tubos de CA em 1932. O pagamento do saldo (86%) do preço de compra, pago periodicamente, custaria à Eternit Japão até 3% de seu lucro.

No decorrer do tempo, a Eternit Japão desenvolveu várias fábricas (Fig. 1). De meados da década de 1950 até o início da década de 1970, a empresa teve três grandes fábricas que empregavam mais de setecentas pessoas. Naquele tempo, amianto azul (crocidolita) era usado para fabricar o tubo de CA, assim como o amianto branco (crisotilo). Conquanto haja poucos documentos que descrevam

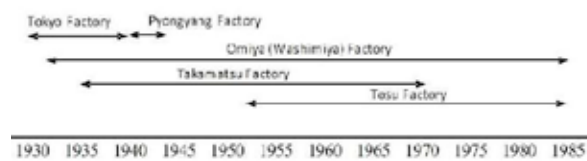


Fig. 1. Períodos de operação das fábricas da Eternit no Japão

detalhadamente as tarefas dos funcionários, alguns funcionários falaram de seus deveres nas fábricas da Eternit. De acordo com eles, o processo de fabricação era operado 24 horas por dia, para evitar solidificação do cimento, e os turnos trocados a cada 8 horas. Para o processamento, o amianto era misturado na proporção (branco:azul) 7:3. A Fig. 2 mostra um funcionário cortando tubos de AC usando uma máscara simples.



Foto: Hiroko Murakami, Sindicato dos Trabalhadores da Eternit Japonesa

Fig 2. Lathing de tubos AC

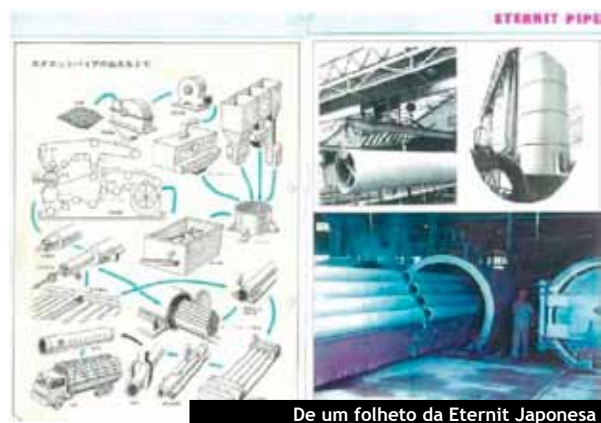
Produção de Tubos de AC no Japão

O Japão teve três grandes empresas que produziam tubos de AC. Após a fundação da Eternit Japão, a segunda empresa, a Chichibu, iniciou a produção em 1939. Isso porque o governo japonês tinha solicitado que ela assim o fizesse para atender a crescente exigência bélica. A terceira empresa, a Kubota, iniciou a produção de tubos de CA em 1955, e continuou a produção com crocidolita e crisotilo até 1975; então só com crisotilo até 1997.

Durante o rápido crescimento econômico da década de 1960, essas empresas produziram o mesmo tipo de tubos, e eram cooperativas ao invés de competitivas. Quando uma empresa precisava de tubos de CA, outras empresas despachavam produtos com a marca comercial da outra empresa. Em 2005, Kubota anunciou valores para consolação de vítimas de mesotelioma nos arredores de sua fábrica; isso fez com que uma enorme atenção da mídia e da sociedade se concentrasse no desastre do amianto que ameaça a sociedade japonesa - o assim chamado “Choque Kubota.” Como as outras duas empresas de tubo de CA produziram o mesmo tipo de tubos que a Kubota, as atividades das três empresas de tubo de CA deram origem a várias vítimas de doenças relacionadas ao amianto entre funcionários e pessoas que viveram nos arredores de suas fábricas. A Fig. 3 mostra produtos da Eternit Japão.

Vantagens do Tubo de CA em Comparação a Materiais Concorrentes

Como em outros países, o uso de tubos de CA era comum no Japão, devido ao baixo custo e à facilidade de instalação. Até a década de 1940, tubos de ferro era usados comumente para a distribuição de água, com tubos de cimento de amianto gradualmente os substituindo de 1950 a 1970. A Fig. 4 mostra os custos de tubos de ferro e de tubos de cimento de amianto por diâmetro na época. Em meados da década de

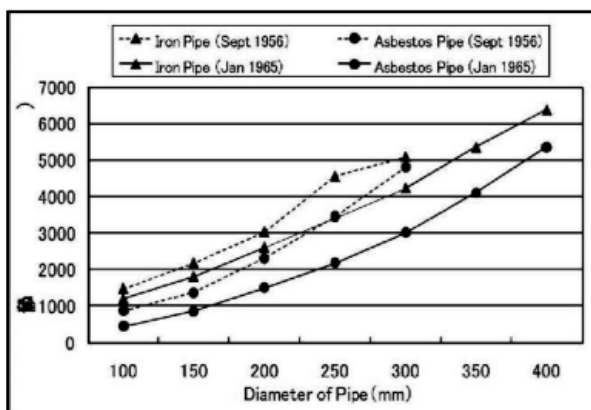


De um folheto da Eternit Japonesa

Fig 3. Processo de produção e produtos da Eternit Japonesa

¹ Takehiko Murayama: Waseda University, tmura@kyi.biglobe.ne.jp; Satomi Ushijima: Olive Tree Law Office, izd00104@nifty.com

1950, tubos estreitos de cimento de amianto eram aproximadamente 40% mais baratos que tubos de ferro, enquanto o preço de tubos largos era aproximadamente 10% mais baixo. Tais diferenças aumentaram em meados da década de 1960, quando os tubos de cimento de amianto eram 20-60% mais baratos. Na época, o preço de tubos estreitos de cimento de amianto era menos da metade que os de tubos de ferro. Outro ponto era que os tubos de cimento de amianto eram mais leves que os tubos



Fonte: "Sekisan Shiryo (Dados para Estimativas)" por Keizai Cyosa Kai (Associação de Pesquisa Econômica).

Fig. 4. Custos de tubos para distribuição de água em meados da década de 1950 e em meados da década de 1960 (linha pontilhada: 1956, linha sólida: 1965).

de ferro, o que também encorajava seu uso.

Epidemia Emergente de Amianto

Até dezembro de 2007, as grandes empresas de amianto reconheceram mais de 550 vítimas. Nichias, a empresa de amianto mais antiga do Japão indenizou 307 funcionários. Ela produziu várias espécies de materiais inclusive tecido de amianto e isolamento, e tinha conexões com a Empresa de Amianto de Cabo, de proprietário britânico. Cento e quarenta e sete funcionários foram indenizados pela Kubota, que tinha laços com a Johns-Manville Corporation. De acordo com alguns artigos de mídia, as vítimas da Eternit Japão chegaram a 108 até dezembro de 2007 - o que a empresa nunca admitiu oficialmente. Em 1981, uma vítima de mesotelioma foi certificada para benefício de seguro do trabalhador. Este foi o primeiro caso de indenização por mesotelioma no Japão. O número total de indenizados pelo seguro do trabalhador ou pela nova lei de alívio do amianto chegou a 80; mesotelioma: 23, câncer de pulmão: 25, pneumoconiose: 32. Além disso, 57 pessoas - ex-funcionários ou membros de suas famílias - de uma fábrica (Takamatsu) - entraram na justiça para receber indenização. Posteriormente, sete funcionários de outra fábrica (Omiya) abriram processo, quando um funcionário já havia morrido de mesotelioma. Além dos funcionários que contraíram doenças relacionadas ao amianto, suas famílias também foram prejudicadas. Muitos membros de família sofreram placas pleurais. O primeiro processo envolvia um funcionário cujos deveres incluíam o manuseio de amianto bruto de

1952 a 1980; aposentando-se devido à asbestose em 1981. Ele subsequentemente veio a óbito devido a pneumoconiose em 1983, com 55 anos. Quando criança, seu filho manuseava máscaras e roupas que seu pai trazia da fábrica. Embora ele tenha trabalhado em empregos que não usavam amianto, ele morreu de mesotelioma pleural em 1997, com 42 anos. Embora sua família tenha aberto processo em 2000, o Supremo Tribunal rejeitou seu pedido devido à dificuldade de identificar sua doença. Posteriormente, uma autoridade nacional que opera a nova lei de alívio do amianto certificou que ele tivera mesotelioma.

Violação Legais Relacionadas a Saúde e Segurança

A Eternit Japão começou a disponibilizar máscaras para funcionários no início da década de 1960. Como as máscaras eram muito simples, elas ficavam facilmente bloqueadas com acúmulos relativamente grandes de pó de amianto. Isso tornava a respiração dos funcionários difícil, portanto, várias pessoas trabalhavam sem máscaras. De acordo com os funcionários, nenhuma explicação sobre os aspectos perigosos do amianto ou instrução para evitar doenças foi dada. Além disso, a empresa fazia com que os funcionários levassem suas roupas de trabalho para casa. Algumas pessoas usavam sua roupa de trabalho mesmo no trânsito diário ao trabalho. Só em 1977 precipitadores para ventilação foram instalados nos locais de trabalho. Este fato foi revelado em um processo legal. Quando chegava o tempo de as autoridades governamentais verificar as condições da fábrica, a empresa ordenada que os funcionários desligassem as máquinas e espalhasse água no piso, para suprimir o pó; tudo para dar uma boa impressão.

Conquanto os primeiros exames de saúde dos funcionários da Eternit tenham sido feitos por volta de 1975, somente em 1980 os resultados foram informados aos funcionários. Um funcionário, que manuseava diretamente material bruto de amianto, foi enviado ao hospital com pneumoconiose; quando retornou a empresa não considerou que seria próprio movê-lo a um tarefa "mais segura" em uma área menos contaminada. Algumas pessoas não foram certificadas para seguro do trabalhador apesar de suas doenças relacionadas ao amianto. Mesmo em casos de pessoas que receberam os benefícios do seguro do trabalhador, a Eternit Japão não informou a família das vítimas que a causa da morte fora a contaminação por amianto, e exigiu que eles não divulgassem informações relevantes, inclusive condições do local de trabalho, suas doenças e a resposta da empresa. Isso tornou a situação de outras vítimas muito mais difíceis. Para tratar deste problema, os sindicatos continuam a apoiar ex-funcionários; ajudando-os de várias formas, como explicando os detalhes dos exames de saúde e como funciona a nova lei de alívio do amianto.

Abril de 2011

EPÍLOGO

Laurie Kazan-Allen

Casale Monferrato, uma cidade pitoresca no noroeste da Itália, tornou-se um símbolo universal do desafio ao maior assassino industrial do mundo: o amianto. A prova quase bíblica sofrida pela humanidade nas mãos dos exploradores globais do amianto é exemplificada pelo destino dos trabalhadores e habitantes de Casale. Emergindo como uma fênix da devastação que ocorreu com esta comunidade, a vibrante e eficaz campanha popular por “justiça, descontaminação, pesquisa” tornou-se um farol da esperança da sociedade civil em todo o mundo. O “Grande Julgamento do Amianto” de indivíduos envolvidos neste escândalo conquistou um status icônico não só pelos crimes que ele expôs, mas também pelo que ele revelou sobre a forma como empresas tomam decisões de vida e morte. O processo de Turin explodiu a tentativa da Eternit de manter o controle da história de Casale. O gato agora está vivo e completamente fora da caixa. Há muitas lições a aprender da experiência de Casale Monferrato, sendo uma importante o alerta a todos os executivos de empresas: você pode ser considerado responsável pelas decisões que você faz e pelas políticas corporativas que você administra.

Seria possível pensar que, uma vez que o processo começasse em frente aos juízes de Turin, os ativistas de Casale poderiam sossegar e ver a justiça ser feita. Infelizmente, isso não ocorreu. Em julho de 2011, no momento em que o promotor Raffaele Guariniello fazia sua declaração final ao Tribunal, foi anunciado que a cidade de Cavagnolo aceitara um acordo com os advogados de Stephan Schmidheiny. Em troca de €2 milhões, Cavagnolo retiraria-se “deste e de qualquer futuro julgamento (contra a Eternit) em que possa estar envolvida.”¹ Comentando a decisão, o prefeito de Casale disse: “Fica óbvio que uma proposta como esta nunca poderia sequer ser considerada por uma cidade como Casale.” Contudo, apenas alguns meses depois, o conselho de Casale Monferrato engajou-se em negociações secretas para fechar um acordo quanto à ação municipal contra o mesmo réu. As primeiras notícias que os ativistas receberam do acordo multimilionário veio de um artigo de jornal publicado em novembro. Após isso, um inferno sucedeu-se. A cidade foi literalmente dividida pelas implicações da traição municipal.

Quando a câmara de Casale Monferrato reuniu-se em 16 de dezembro para votar pela oferta de €18,3 milhões, a prefeitura foi cercada por manifestantes indignados. Os membros da

Câmara, que votaram pela aceitação do acordo, ficaram tão assustados pelo distúrbio público que se esconderam dentro da câmara até as primeiras horas da manhã de sábado. Com a aproximação das festas de fim de ano, esperava-se amplamente que o acordo seria assinado pelo Prefeito Giorgio Demezzi até o prazo final de 31 de dezembro. Mas, a equipe jurídica de Schmidheiny subestimara a determinação dos ativistas de Casale e o respeito que eles recebiam. Dos púlpitos das igrejas, líderes religiosos oravam para que os vereadores não traissem aqueles que sofriam. O padre local, Dom Paulo Busto, rezou uma missa em memória das vítimas do amianto em uma igreja que fica em frente à prefeitura. Alceste Catella, Bispo da Diocese de Casale Monferrato, juntou-se à controvérsia quando pediu ao prefeito para “conduzir a cidade neste momento de grande sofrimento: ‘por favor, imploro-o a fazer algo que comprove seu respeito ao sofrimento de tantos dentre os nossos cidadãos.’”²

Quando foi divulgada a notícia, em 22 de dezembro, que o próprio Ministro da Saúde intervira, tornou-se evidente que o “problema de Casale,” tinha alcançado tal proeminência que o prefeito seria forçado a reconsiderar. O Ano Novo chegou e nenhum acordo foi assinado. Na alvorada de 2012, o Ministro da Saúde Renato Balduzzi participou de reuniões separadas com o Prefeito Demezzi e os ativistas de Casale; reuniões ministeriais no dia de Ano Novo, feriado nacional na Itália, são um fenômeno virtualmente desconhecido. Tendo anteriormente elogiado o “papel de liderança” desempenhado pela câmara da cidade de Casale na “longa e difícil luta social” por justiça, em 1o de janeiro, o Ministro reafirmou a preocupação do Governo com os cidadãos e o apoio à cidade. A resposta à “emergência nacional do amianto” da Itália seria, prometeu o Ministro, liderada por Casale Monferrato, a “capital anti-amianto do país.”³ Reconhecendo as amplas implicações do caso contra os executivos da Eternit, o Ministro Balduzzi falou sobre a continuação da produção e do uso de amianto na Europa e a importância simbólica da luta de Casale dentro e fora do país. Na segunda reunião, o Ministro Balduzzi impressionou diretores do grupo de vítimas do amianto (AfeVA), e colegas do sindicato com seu “conhecimento detalhado sobre a ‘emergência do amianto’ como um problema nacional e global.”⁴ Ele expôs uma abordagem detalhada do problema que incluiu reuniões em Roma com importantes interessados, como representantes dos Ministérios da Saúde, do Meio-Ambiente, do Desenvolvimento Econômico e do Trabalho para

1 Kazan-Allen L. Surprise Moves by Schmidheiny's Lawyers. 27 de novembro de 2011. <http://ibasecretariat.org/lka-surprise-moves-schmidheiny-lawyers.php>

2 Mossano S. Nessun patto con L'Eternit. (Sem acordo com a Eternit.) La Stampa. 22 de dezembro de 2011. <http://www3.lastampa.it/cronache/sezioni/articolo/lstp/435420/>

3 Mossano S. La “capitale” anti amianto (A capital anti-asbestos). La Stampa. 2 de janeiro de 2012

4 Press Release conjunto de AfeVA, CGIL, CISL e UIL. 3 de janeiro de 2011.

planejar uma resposta coordenada das agências nacionais, autoridades locais e órgãos federais ao escândalo do amianto.

Um dia de ação civil, organizada sob o estandarte *Nessun Dorma* (Não Deixe que Ninguém Durma), em 7 de janeiro, atraiu multidões de partidários, que participaram de uma silenciosa procissão com velas através da cidade de Casale Monferrato, assistiram a um tributo musical às vítimas e rezaram em uma meia vigília pelos passos do Palazzo San Giorgio, a prefeitura. No lado externo da igreja de San Paulo, a atriz Caterina Deregibus leu um poema baseado no luto de Assunta Prato e Giuliana Busto, mulheres que perderam um marido e um irmão para doenças relacionadas ao amianto. Em meio à efusão pública de apoio, mais de 2000 pessoas pediram que os representantes do município respeitassem seu compromisso às vítimas e rasgassem o acordo proposto com o réu do amianto Stephan Schmidheiny.

Enquanto passamos à publicação, é impossível saber como a situação se desenvolverá. Já houve tantas reviravoltas que pode-se até

sentir o próprio estrategista mestre, Niccolò Machiavelli, espiando sobre nossos ombros. Em tais circunstâncias, fariamos bem em imitar a fé de Romana Blasotti Pavesi, presidente da AfeVA, que disse “nossa confiança na justiça nunca nos deixou.” Esperamos que o veredicto dado em 13 de fevereiro de 2012 justifique essa confiança.

Janeiro de 2012



Procissão silenciosa com velas em Casale Monferrato “dia de ação,” 7 de janeiro de 2012. A foto é cortesia de Rodolfo Mazzoni.

Para notícias do que aconteceu em 13 de fevereiro de 2012 e após, veja os seguintes sites:

Amianto no Banco dos Réus: <http://asbestosinthedock.ning.com>

AfeVA: <http://www.afeva.it/>

Secretaria Internacional para o Banimento do Amianto: <http://www.ibasecretariat.org>

Para informações sobre as ações da CUT Brasil para o banimento do amianto, entre em contato com:
Secretaria Nacional da Saúde do Trabalhador -Tel.: (11) 2108.9200 ou saude@cut.org.br